



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

RAYSSA MENDES DE SOUZA

**O TWITTER DE TRUMP EM 2016: uma estratégia imediata para campanha eleitoral
presidencial dos Estados Unidos**

**JOÃO PESSOA
2018**

RAYSSA MENDES DE SOUZA

**O TWITTER DE TRUMP EM 2016: uma estratégia imediata para campanha eleitoral
presidencial dos Estados Unidos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

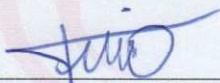
S729t Souza, Rayssa Mendes de.
O twitter de Trump em 2016 [manuscrito] : uma estratégia imediata para campanha eleitoral presidencial dos Estados Unidos / Rayssa Mendes de Souza. - 2018.
75 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre. Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."
1. Twitter. 2. Donald Trump. 3. Política externa. I. Título
21. ed. CDD 327.73

RAYSSA MENDES DE SOUZA

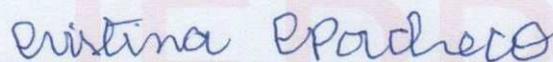
AS REDES SOCIAIS COMO SOFT POWER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O
TWITTER COMO ESTRATÉGIA IMEDIATA PARA A CAMPANHA DE DONALD TRUMP
NAS ELEIÇÕES ESTADUNIDENSES EM 2016.

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

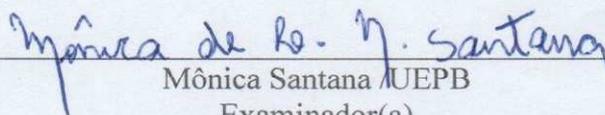
Aprovado(a) em 27 / 11 / 2018.



Fábio Nobre /UEPB
Orientador(a)



Cristina Pacheco /UEPB
Examinador(a)



Mônica Santana /UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra uma época muito importante na minha vida. Meu grande agradecimento à UEPB, ao corpo docente, servidores, em especial, Sandra da secretaria e Júnior da biblioteca que sempre estava pronto para me receber nas tardes de estudo. De forma conjunta, a todos os professores que já passaram pela minha vida (menos alguns). Vocês foram indispensáveis e qualquer agradecimento seria insuficiente, sei que os puxões de orelha valeram a pena.

Queria dedicar um parágrafo em especial ao meu orientador, Fábio Nobre, muito obrigada por todo o conhecimento compartilhado, pela disponibilidade, liberdade e incentivo. Obrigada por tudo.

Foi graças a UEPB que tive um dos melhores momentos da minha vida. Gostaria de agradecer à turma da “mal caratice” pelas experiências compartilhadas. Não consigo escolher nome de alguns para agradecer pois todos são especiais para mim, de uma maneira bem maluca. Vocês vão ficar para sempre na minha memória.

Um agradecimento especial para Juliana, Alexia, Giovana e até o sumido do Arthur. Nos conhecemos pelo Twitter em 2014 e desde então não conseguimos passar um dia sem nos falarmos. Eu amo vocês. À Gabriela, que mesmo distante, me acompanhou pelas madrugadas intermináveis estudando.

Também quero agradecer a minha família (mainha, painho e Kayke) por ter me apoiado em todos os momentos. Sempre um sendo o suporte do outro.

Aos meus avós por terem estado por perto quando mais precisei.

Aos meus tios que, com a maneira maluca deles, me incentivou a sempre querer buscar mais.

Às minhas melhores amigas de todo o mundo, Glaycielle e Clara, não foi dessa vez que uma graduação separou a gente. Eu amo as duas, vocês são minhas irmãs.

Por fim, muito obrigada a todos aqueles que de maneira direta ou indireta contribuíram na minha caminhada.

“A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade. [...] [A invenção da Internet] reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade”. (CASTELLS, 2003, p. 75).

RESUMO

As eleições dos Estados Unidos que ocorreu em 2016 possibilitou inúmeras surpresas para o cenário internacional. Destaca-se então o uso das redes sociais para disseminar a campanha eleitoral dos candidatos, em especial o Twitter. O candidato republicano Donald Trump utilizou a ferramenta não apenas para informar seus eleitores sobre sua campanha diária, mas sim para realizar promessas e ameaças. Nesse sentido, este trabalho objetiva compreender como os *tweets* de Trump influenciaram na sua derrocada à presidência e, posteriormente, funcionaram como um instrumento crucial para auxiliar na disseminação da agenda de política externa dos Estados Unidos. Para que tal proposta seja levada a efeito, este trabalho possui os seguintes objetivos específicos: (i) explicar, a partir dos conceitos de *soft power* e *netpolitik*, a ascensão das redes sociais nas Relações Internacionais; (ii) analisar o uso do Twitter como disseminador de informações instantâneas; (iii) apresentar o processo eleitoral dos Estados Unidos e, em seguida, demonstrar a corrida eleitoral ocorrida em 2016 e (iv) identificar a influência do Twitter nos processos de tomadas de decisão na política externa americana durante o primeiro ano de Trump na presidência. De caráter exploratório, com método indutivo, a pesquisa decorre de uma metodologia centrada em revisão bibliográfica, com vistas tanto em periódicos, quanto em fontes primárias.

Palavras-Chave: Twitter. Donald Trump. Política Externa.

ABSTRACT

The United States elections that took place in 2016 provided numerous surprises for the international scene. It highlights the use of social networks to disseminate the electoral campaign of the candidates, especially Twitter. The Republican candidate Donald Trump used the tool not only to inform his constituents about his daily campaign, but to make promises and threats. In this sense, this work aims to understand how Trump's tweets influenced his presidential overthrow and subsequently served as a crucial tool to assist in the spread of the US foreign policy agenda. For this proposal to be carried out, this work has the following specific objectives: (i) to explain, from the concepts of soft power and netpolitik, the rise of social networks in International Relations; (ii) to analyze the use of Twitter as an instant information disseminator; (iii) to present the US electoral process, and then demonstrate the electoral race that occurred in 2016 and (iv) to identify the influence of Twitter on the decision-making processes in American foreign policy during Trump's first year in office. In an exploratory view, with an inductive method, the research stems from a methodology centered on bibliographical revision, with views both in periodicals and in primary sources.

Keywords: Twitter. Donald Trump. Foreign Policy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Alguns elementos da Web 2.0.....	16
Figura 2 –	Página inicial do Twitter.....	22
Figura 3 –	Número de delegados do Colégio Eleitoral por estado.....	31
Figura 4 –	Resultado da disputa democrata.....	34
Figura 5 –	Resultado da disputa republicana.....	35
Figura 6 –	Resultado das eleições dos EUA: 2016.....	38
Figura 7 –	Criação de empregos.....	45
Figura 8 –	MAGA.....	46
Figura 9 –	México e o muro.....	49
Figura 10 –	Plano para combater o ISIS.....	51
Figura 11 –	A promessa do NAFTA.....	53
Figura 12 –	O projeto Keystone XL.....	55
Figura 13 –	Anúncio sobre o Acordo de Paris.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As Ondas da Internet.....	17
Tabela 2 – Quadro Comparativo das Propostas Presidenciais.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BLS	Bureau of Labor Statistics
CBP	Alfândega e Proteção de Fronteiras dos Estados Unidos
DHS	Departamento de Segurança Interna
EI	Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos
ISIS	O Estado Islâmico do Iraque e do Levante
MAGA	Make America Great Again
NAFTA	Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RI	Relações Internacionais
RT	<i>Retweet</i>
SI	Sistema Internacional
TPP	Acordo Transpacífico
USTR	Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1	REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	15
1.1	O AVANÇO DAS REDES SOCIAIS NO SÉCULO XXI	16
1.2	O FUNDAMENTO DAS REDES SOCIAIS	18
1.2.1	Mídias Sociais ou Redes Sociais?	19
1.3	O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO CENÁRIO INTERNACIONAL	20
1.3.1	O Twitter em alguns caracteres	21
1.4	<i>HARD POWER</i> OU <i>SOFT POWER?</i>	23
1.4.1	<i>Hard power</i>	24
1.4.2	<i>Soft power</i>	25
1.5	DIPLOMACIA DIGITAL – <i>NETPOLITIK</i>	25
2	PROCESSO ELEITORAL PRESIDENCIAL NOS ESTADOS UNIDOS .	28
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO	29
2.2	A CORRIDA ELEITORAL NOS EUA	31
2.2.1	A corrida maluca iniciada em 2015	32
2.3	AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2016	36
3	O TT	41
3.1	POLÍTICA EM 280 CARACTERES	42
3.2	TEMAS ESTRATÉGICOS	44
3.3	TUITANDO A POLÍTICA EXTERNA AMERICANA	47
3.3.1	Imigrantes	48
3.3.2	Terrorismo	50
3.3.3	Acordos comerciais e OTAN	51
3.3.4	Meio ambiente e aquecimento global	54
3.4	O “TRANSBORDAMENTO” PARA A AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA REAL	56
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	64

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A internet exerceu papel fundamental ao mudar toda a conceituação comunicativa e, por sua vez, quebrar barreiras e conceitos de espaço e tempo, provendo assim meios para levar a comunicação efetiva ao redor do mundo com um simples “clique”. O surgimento das redes sociais possibilitou maior abrangência de conteúdo em tempo recorde. Para Aggio (2010), as redes sociais aparecem como rica fonte de recursos que podem ser postos a serviço da comunicação política.

Desse modo, o microblog Twitter, se destaca entre as redes sociais, por oferecer recursos simples e didáticos com a garantia que a mensagem possa ser compartilhada em todo o mundo. Com limite de palavras, essa rede social garante informalidade e aproximação com o usuário. Nesse sentido, o Twitter parece especialmente interessante por se mostrar como um local de repercussão de temas e discussões políticas que são divulgadas pelos mais diversos meios de comunicação e, principalmente, com o usuário.

Ademais, são nas mídias sociais que as questões políticas repercutem e ganham diferentes desdobramentos; o que se acredita ter efeito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas em discussão (PARLAMEE and BICHARD, 2012). Assim, as redes sociais, em especial o Twitter, tornaram-se formas indispensáveis de acesso ao indivíduo que a qualquer hora ou local pode ser encontrado no celular que está na palma da sua mão.

As eleições dos Estados Unidos costumam representar grande importância no cenário internacional dada a complexidade e influência do país em todo o globo. Desse modo, seu resultado gera impactos diretos e indiretos no âmbito externo. As redes sociais, com destaque para o Twitter, aumentam a popularidade a cada ano que passa. Sua influência ultrapassa fronteiras físicas em todo o mundo.

Na campanha das eleições presidenciais de 2016, as plataformas de mídia social foram cada vez mais usadas como fontes diretas de notícias. Com os milhões de seguidores dos candidatos, o Twitter se tornou uma plataforma para comunicação em massa e os principais canais de informações *online* dos candidatos (GUNN, 2017). Um candidato obteve destaque sobre o uso do Twitter: o empresário Donald Trump. Para Kreiss e Jasinski (2016), o estilo mais amador e autêntico da campanha Trump nas mídias sociais aponta para a desprofissionalização e amadorismo como uma contra-tendência na comunicação política.

O candidato à presidência dos Estados Unidos utilizou da rede social como uma extensão dos seus discursos. De maneira informal, procurou debater seu plano de governo e atacar adversários através do Twitter. Craig (2016) constatou que a campanha de Trump em

2016 estava mais disposta a participar com o público em geral, o que demonstrou maior autenticidade.

Nas Relações Internacionais, o estudo das redes sociais e sua influência política no Sistema Internacional torna-se relevante devido à escassez de pesquisas recentes sobre tal temática no âmbito acadêmico. As redes sociais estão em constante mudança e com sua participação no cenário político dos países, principalmente na superpotência estadunidense, seu estudo converte-se imprescindível para o estudo das Relações Internacionais.

A justificativa da abordagem é a possibilidade de refletir sobre os impactos das redes sociais nos acontecimentos do mundo. Com ênfase nas eleições estadunidenses que ocorreram em 2016. Com o aumento das tecnologias e o advento da globalização, tornou-se fácil receber informações à extrema velocidade e perceber os impactos imediatos que elas causam.

Assim, há necessidade de estudar tal influência dessas redes sociais, destacando o Twitter pela mobilidade e agilidade na informação. Faz-se necessário também analisar o conteúdo dessa informação e os impactos que ela vai exercer no mundo. Donald Trump recebeu notório destaque pela sua capacidade de transmitir informações e realizar tomadas de decisões importantes a partir de uma rede social.

Desse modo, torna indispensável realizar um panorama da importância das redes sociais no século XXI, conjuntamente explicar o funcionamento do processo eleitoral nos Estados Unidos. A análise do tema em questão é de suma importância para examinar e questionar o papel das redes sociais nas eleições políticas estadunidenses em 2016, numa tentativa de compreender o Twitter como uma forma de *soft power* para a propagação e legitimação das ideologias dos candidatos durante o período eleitoral, em destaque, Donald Trump.

Dessa forma, duas teorias das Relações Internacionais serão abordadas para contribuir com essa pesquisa. Para auxiliar o conceito de poder no estudo das RI, utilizaremos o método proposto pelo cientista político estadunidense Joseph Nye chamado *soft power*. Assim posto, Nye (2004) ressalta que o *soft power* deve ser essencialmente um meio sedutor, ele deve atrair o ator a querer imitar quem exerce tal poder, não o obrigar ou coagi-lo a fazer o que se deseja.

Outra teoria, considerada recente, que irá elucidar essa pesquisa será o conceito de *Netpolitik*. No qual consagra um novo estilo de diplomacia que procura explorar as poderosas capacidades da Internet para moldar a política, a cultura, os valores e a identidade pessoal (BOLLIER, 2003). Diante dessa configuração, o cerne desta pesquisa se desenvolve a partir da seguinte indagação: o Twitter é um “mecanismo real” do *policymaking* dos Estados Unidos com Trump?

Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar o papel do Twitter nas eleições dos Estados Unidos que ocorreram em 2016, contudo, iniciou a corrida eleitoral em 2015. Portanto, com Trump, o Twitter se torna um instrumento de *Netpolitik*. O empresário utiliza da ferramenta para propagar suas ideologias de maneira informal e disseminar suas propostas. Deste modo, deve haver uma intensificação dos estudos que conectam as redes sociais às Relações Internacionais.

A metodologia aplicada é caracterizada por ser qualitativa, com a finalidade de obter uma análise acerca da influência do Twitter nas eleições estadunidenses realizadas em 2016 e, a partir disso, será analisada a forma pelo qual os *tweets* de Trump serviram como instrumentos da *Netpolitik* ao realizar mecanismos da política externa na sua conta da rede social. De caráter exploratório, o procedimento técnico a ser aplicado será bibliográfico, a partir da utilização de teses, livros acadêmicos, artigos científicos, bibliografias, bem como o uso dos próprios tuítes da conta de Donald Trump (@realDonaldTrump) no Twitter com o objetivo de reforçar a pesquisa.

No que tange o método de análise a ser aplicado, este será indutivo, pois partindo de uma esfera particular, caracterizado pelos tuítes de Donald Trump, analisar-se-á a influência do conteúdo nas eleições de 2016 dos Estados Unidos e, posteriormente, na política externa americana do seu primeiro ano de mandato.

Na busca pela compreensão da influência do tema para as Relações Internacionais, será apresentado o papel do Twitter de Donald Trump como um importante elemento no contexto da corrida eleitoral e, posteriormente, as eleições estadunidenses que ocorreram no ano de 2016. Dessa forma, buscar-se-á compreender a influência dos tuítes nas eleições e política externa americana no seu primeiro ano de mandato.

Assim, o período a ser analisado será o que abrange os eventos das eleições americanas de 2016, tendo como base a candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. Em seguida, será explorado a política externa americana durante o primeiro ano do mandato do presidente, que iniciou no dia 20 de janeiro de 2017 até o dia 20 de janeiro de 2018. Diante das limitações a respeito de recursos, tempo e espaço, este trabalho focará, portanto, em exemplos de maior destaque. Perante essa configuração, esta pesquisa realiza uma análise em três capítulos.

O primeiro, *Redes Sociais e Relações Internacionais*, consiste no embasamento teórico da problemática. Será analisado os conceitos de *soft power* e *netpolitik* com o objetivo de apresentar o estudo das Relações Internacionais a partir de dimensões que não são – ou pouco são – analisadas nas abordagens tradicionais. Antes disso, trabalha-se o avanço das redes

sociais no século XXI, com os conceitos de Web 1.0 e Web 2.0, em resumo, na Web 1.0, a principal fonte de conteúdo online eram os profissionais da área, enquanto na Web 2.0 são amadores que dominam o processo criativo. Adiante, apresentará o fundamento das redes sociais, em seguida, a diferença de mídias sociais e redes sociais será abordado. Para complementar, mostrará o impacto das redes sociais no cenário internacional, com destaque, o Twitter.

O segundo capítulo, *Processo Eleitoral nos Estados Unidos*, abordará o sistema de eleições presidenciais dos EUA que, por sua vez, foi estabelecido pelos fundadores do país há mais de 220 anos. Assim, a pesquisa abordará o contexto histórico do processo eleitoral americano e, a partir disso, focará nas eleições estadunidenses que ocorreram em 2016. Em destaque os candidatos Donald Trump, pelo partido Republicano e Hillary Clinton, pelo partido democrata.

O terceiro, intitulado de *O TT*, possui enfoque na conta @realDonaldTrump, do presidente Trump, no qual apresenta a continuidade do discurso político empregado pelo empresário. A priori, tratará apenas dos *tweets* efetuados durante a corrida eleitoral e as eleições americanas de 2016. A posteriori, abordará a política externa americana do seu primeiro ano de mandato, a fim de que analisará se houve algum processo de continuidade das suas medidas através da rede social.

Posto isso, as redes sociais ganharam notoriedade no âmbito político com o passar dos anos, principalmente no início do século XXI. Dessa maneira, juntamente com outras mídias, auxiliou a definição da forma que grande parte do mundo recebe e acompanha os movimentos políticos. Assim, torna-se imensamente relevante a análise de como o Twitter serviu como um elemento crucial para legitimar e disseminar as ideologias de Donald Trump no período delimitado, de forma a influenciar a condução da opinião pública internacional.

1. REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O século XX trouxe, em conjunto com a revolução tecnológica, a informatização dos meios de comunicação social, que criaram redes internacionais, propiciando o surgimento dos conglomerados de mídia. Essa nova configuração alterou, significativamente, a atuação política, econômica e social dos Estados soberanos (CASTELLS, 1999).

O advento da Internet foi o principal catalisador para a eclosão das redes sociais no Sistema Internacional (SI), a emergência desse ator internacional¹ nas Relações Internacionais (RI) possibilitou a abertura de um novo mundo complexo, conectado e tecnológico. O surgimento de novos dispositivos e, concomitantemente, a abrangência da inserção dos cidadãos trouxe um caráter participativo e político para as redes sociais no século XXI (VALENTE, 2007).

Desse modo, o capítulo buscará analisar tais afirmações em que, logo no primeiro tópico, irá deleitar no surgimento e avanços das redes sociais no século XXI, bem como analisar o papel das redes sociais no cenário internacional. Assim, faz-se necessário uma introdução sobre as novas tecnologias da informação. Contudo, como cerne do trabalho, o Twitter possuirá maior ênfase dentre as outras redes sociais.

O segundo tópico tratará do fundamento das redes sociais, de modo que traz a origem do termo na Antropologia e que, posteriormente, foi utilizado para tratar os dispositivos presentes nas tecnologias de informação, como o Twitter e Facebook. O terceiro tópico abordará a diferença conceitual entre mídias sociais e redes sociais. Em que, popularmente, os dois termos são tratados como sinônimos. Contudo, estudiosos da área apresentam diferenças e similaridades entre eles.

O quarto tópico irá apresentar o impacto das redes sociais no cenário internacional em detrimento ao contínuo aumento de usuários mensalmente. De início, uma breve introdução ao Twitter é apresentada, ressaltando as principais ferramentas e detalhes importantes que diferencia essa rede social das demais, o caráter intimista e participativo é um diferencial. Adiante, é dado exemplos dos impactos dessa rede social na política tanto nacional, quanto internacional.

O quinto e sexto tópicos, por sua vez, são interligados. O quinto analisa os conceitos de Joseph Nye para *hard power* e *soft power*, com os EUA como objeto de estudo. Por último, o sexto, abordará o conceito de diplomacia e diplomacia digital idealizado pelo estrategista

¹ Explicado no tópico 1.5.

político David Bollier, conhecido como *Netpolitik*. Em síntese, é uma maneira de exercer a diplomacia em comunhão com o *soft power* e as redes sociais.

1.1 O AVANÇO DAS REDES SOCIAIS NO SÉCULO XXI

No início do século XXI, o modelo da Internet passou por uma reviravolta que estudiosos denominam a segunda geração de *software*, a *Web 2.0*. Conhecido como fundador desse termo, O'Reilly (2007) explica que a internet passou por profundas mudanças, e a nova web é reflexo disso. A principal diferença para sua antecessora se concentra na maior interação e interconexão entre os usuários. Na *Web 1.0*, a principal fonte de conteúdo online eram os profissionais da área, enquanto na *Web 2.0* são amadores que dominam o processo criativo. Assim, de acordo com o autor, os usuários interagem de forma dinâmica com o conteúdo e com os outros usuários.

O'Reilly (2007) elenca elementos que surgiram a partir da segunda geração ou segunda onda da internet, vários deles podem ser observados na figura a seguir.

Figura 1 – Alguns elementos da *Web 2.0*



Fonte: <https://bit.ly/2qNBDez>

A partir da Figura 1, pode-se perceber que as redes sociais estão diretamente relacionadas com a segunda onda da Internet. Potter (2008) afirma que essa nova lógica possibilita uma grande colaboração online entre os governos e entre os governos e os cidadãos em uma perspectiva global. Como no engajamento dos usuários online em ações do governo ou para o governo. O autor alega as aplicações da *Web 2.0* como os blogs, redes sociais e sites cooperativos – como Wikipédia, demonstrado na Figura 1 – podem construir novas relações e reforçar existentes, principalmente através da educação e mobilização dos cidadãos. Assim, os encorajando criação de políticas (POTTER, 2008).

A mais recente onda da Internet é chamada *Web 3.0* ou semântica, pois propicia que a interação dos usuários aconteça em tempo real. Nela, estão reunidas as características das primeiras gerações e inseridas a inteligência das máquinas. São comuns ambientes virtuais e jogos interativos online, além da possibilidade de mobilidade, por exemplo, com um usuário postando conteúdos de qualquer lugar, por meio de um celular. Desse modo, a segunda onda foi responsável pela criação das mídias sociais, enquanto a terceira onda caracteriza pelo aperfeiçoamento delas (ALMEIDA; LOURENÇO, 2011). Berners-Lee e Lassila (2001) dividem as gerações da Internet nas três gerações supracitadas, como pode ser observado na tabela 1:

Tabela 1 – As Ondas da Internet

<i>Web 1.0</i>	<i>Web 2.0</i>	<i>Web 3.0</i>
Unidirecional	Bidirecional	Rede colaborativa
Informar os usuários sem priorizar meios para suas respostas	Diálogo entre as pessoas por meio da rede	Personalizada e em tempo real, que pode ser adaptada ao comportamento de cada usuário
O usuário é apenas expectador	Compartilhamento de conteúdo entre os usuários	Mobilidade e rapidez entre os usuários e entre as empresas e usuários

Fonte: BERNERS-LEE, T. H e J. LASSILA, May 2001.

Clay Shirky (2011) ressalta que a participação dos usuários é um dos pilares da segunda e terceira gerações, contudo, afirma que é difícil lidar com o excesso de informações que muitas vezes não são úteis e/ou são falsas. Notícias falsas, ou mais conhecida pelo termo em inglês *fake news*, fez-se popular com as eleições dos Estados Unidos, em 2015, devido à grande quantidade de notícias falsas disseminadas na internet sobre os candidatos ao governo norte-americano². Contudo, de acordo com o dicionário Merriam-Webster³, o termo entrou para uso geral no final do século XIX. Tais *fake news* foram protagonistas durante toda a corrida eleitoral.

Como supracitado, a segunda onda da Internet possibilitou maior abertura e participação dos usuários, a criação das redes sociais catalisaram ainda mais a veracidade

² Norte-americano, nesse trabalho, refere-se aos estadunidenses.

³ Merriam-Webster. The real history of “fake news”. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>>.

desse fato. O Twitter, criado em 2006, quebrou barreiras entre os usuários de maneira avassaladora. A rapidez em que as notícias eram disseminadas por essa e outras redes sociais, como o Facebook, ganhou notoriedade entre os acadêmicos.

Desse modo, antes de dissertar acerca do papel das redes sociais no cenário internacional, é necessário introduzir sobre o fundamento do termo “redes sociais” e diferenciar sobre mídias sociais e redes sociais. Tais assuntos serão analisados nos tópicos a seguir.

1.2 O FUNDAMENTO DAS REDES SOCIAIS

Para adentrar na discussão acerca do protagonismo das redes sociais no atual século, necessita-se de uma pequena abordagem sobre a origem do termo. Herdado das Ciências Sociais, precisamente da Antropologia, caracteriza como um método de análise sobre comportamento dos indivíduos entre si e na sociedade. Foi em 1954 que, pela primeira vez, empregou-se o conceito de rede social – *social network* – por intermédio do antropólogo britânico Jonh A. Barnes, que ainda ressalta a não existência de uma teoria de redes sociais, sendo assim, abre a possibilidade de adaptação da noção de rede à diversas teorias (ACIOLI, 2007). O termo “Redes Sociais” possui uma interpretação metafórica, analítica e tecnológica. Esse último, por sua vez, será trabalhado com maior ênfase nessa dissertação.

A interpretação metafórica tem como seu principal precursor o antropólogo britânico Radcliffe-Brown que, na década de 50, caracterizou a estrutura social enquanto uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas (MITCHEL, 1969). Para Barnes (1972), na metáfora de Radcliffe, a rede social abrange todos os membros da sociedade, que existem independente de qualquer investigador.

Na interpretação analítica, para o mesmo autor, a canadense Elisabeth Bott (1971) foi uma das primeiras antropólogas a utilizar o conceito de rede como uma ferramenta para a análise de relacionamentos entre pessoas e os seus elos pessoais em múltiplos contextos. Em síntese, os enfoques destes estudos procuraram entender a conexão entre um determinado conjunto de indivíduos, as relações descontínuas, o tipo de vínculos estabelecidos, a importância dos papéis que os indivíduos definem para si nas relações, a sua intensidade, durabilidade e frequência (BARNES, 1972).

Em suma, as duas primeiras interpretações sobre redes sociais possuem predominância nos estudos da Antropologia Social para entender o comportamento dos indivíduos entre si e na sociedade, como supracitado. A terceira abordagem, denominada tecnológica, tem o

sociólogo Manuel Castells como seu catalisador e analisa a influência das redes na estrutura das novas tecnologias da informação. Nessa interpretação, a base das outras abordagens permanece, mas ao invés de analisar a estrutura das redes em meio a sociedade, analisa-se no âmbito *online*⁴.

Sofremos influência da sociedade moderna que nos cerca, cujos avanços tecnológicos são vistos e aplicados na sociedade em geral em todo o tempo. No ambiente organizacional, portanto, não poderia ser diferente, com propósito de agir na facilitação dos meios de comunicações e as operações dentro das empresas, possibilitando a redução dos custos de operações nas mesmas. Tais avanços são aceleradamente vistos em sociedade, o que dificulta o acompanhamento do seu desenvolvimento e sua compreensão como um todo.

Neste contexto organizacional, de acordo com Castells (2009) a internet exerceu papel fundamental ao mudar toda a conceituação comunicativa quebrando as barreiras e conceitos de espaço e tempo, provendo assim meios para levar a comunicação efetiva ao redor do mundo com um simples “clique”. Também realça a sociedade se encontra no ambiente das redes e possuem um espaço de interação que é virtual sendo que, portanto, as interações ocorrem no ambiente das redes interligadas, ultrapassando a limitação do físico e das fronteiras nacionais. Para fins de maior compreensão, neste trabalho o termo “rede social” será designado para se tratar das abordagens no âmbito tecnológico, tal como o *microblog*⁵ Twitter, principal objeto a ser analisado. Do mesmo modo, também é importante diferenciar os termos mídias sociais e redes sociais.

1.2.1 Mídias Sociais ou Redes Sociais?

Os termos mídias sociais (*social medias*) e redes sociais (*social networking*) são constantemente empregados equivocadamente. Isso deve-se ao fato que suas funções são similares. As Mídias Sociais são ferramentas online que permitem a divulgação de conteúdo e, ao mesmo tempo, a interação com as outras pessoas e o conteúdo disponibilizado pelas mesmas (DRURY, 2008). Os sites e os blogs são exemplos de mídias sociais. As redes sociais, por sua vez, significam uma conexão entre um grupo de pessoas que tem como objetivo compartilhar informações, tais como Twitter, Facebook e Instagram (BOYD e ELLISON, 2008, p. 211). Desse modo, a rede social é focada na criação ou manutenção de

⁴ Termo em inglês utilizado para indicar que o dispositivo está conectado na rede ou em algum sistema de informações. Em português literal, significa “em linha”.

⁵ De acordo com o Cambridge Dictionary, o termo *microblog* é uma forma de blog de mensagens curtas em que todo mundo tem acesso, é enviado principalmente através dos aparelhos celulares. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/microblog>>.

relacionamentos entre as pessoas, enquanto uma mídia social é focada no compartilhamento do conteúdo.

É importante destacar que, para vários autores como Mayfield, Drury e Acioli, as redes sociais são fruto do desenvolvimento das mídias sociais, ou seja, ambas são conectadas. Popularmente, o termo em inglês *social media* é utilizado para tratar de todas as tecnologias de informação encontradas na internet, desde as redes sociais até sites de notícias.

De acordo com Mayfield (2008), as redes sociais constituem uma parte da Internet que promove e requer cinco características consideradas basilares. São elas: (i) participação, (ii) abertura, (iii) conversa, (iv) comunidade e (v) conectividade. Drury (2008) complementa que as redes sociais permitem que as pessoas compartilhem e se envolvam umas com as outras para que elas permitam que o conteúdo compartilhado se torne democratizado.

Vale salientar que a importância de perceber que as plataformas de mídia social são distintas das plataformas anteriores, como e-mail e sites estáticos, em que há restrições acerca da atuação dos usuários. A mídia social é participativa e, portanto, mutuamente criada tanto pelos usuários quanto pelos produtores. De uma perspectiva de participação entre o público, as mídias sociais podem, portanto, integrar os cidadãos em atividades colaborativas (governamentais ou institucionais), que não anteriormente possível com tecnologias mais antigas.

1.3 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO CENÁRIO INTERNACIONAL

É evidente a abrangência do uso das redes sociais com o passar dos anos. A rapidez em adquirir informação através de um clique atraiu usuários e os engajamentos sobre determinados assuntos se tornaram cada vez maiores. O Facebook e Twitter transformaram-se em palcos para compartilhamento, transmissão e divulgação de opiniões sobre os assuntos que circulam no cenário internacional. Ou seja, uma das novas formas de interação e manifestação política (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

Antes de adentrar na discussão acerca do impacto das redes sociais no cenário internacional, cabe fazer uma singela introdução sobre o *microblog* Twitter, dada importância dessa rede social para essa pesquisa. Tal iniciativa torna-se fundamental para melhor entendimento da abrangência de suas ferramentas que causam grande repercussão nas questões políticas e sociais de alcance internacional.

1.3.1 O Twitter em alguns caracteres

Com a pergunta inicial “O que está acontecendo?”⁶ (*What’s happening?*), as mensagens publicadas no Twitter são geralmente respostas curtas às questões de outros usuários ou links para os textos opinativos dos blogs pessoais. Para criar uma conta, necessita-se do e-mail ou celular do indivíduo, também precisa de um nome de usuário. Similar a outra rede social Instagram, os nomes de usuário vêm após a arroba (@) que, por sua vez, são únicos para facilitar a busca e interação dentro do site. Após a criação da conta, o usuário possuirá uma página em que poderá enviar e receber mensagens, com o adendo de possuir seguidores e seguir outros usuários sem restrição.

O Twitter é considerado como um *microblog*, pois as mensagens não podem ultrapassar 280 caracteres⁷ e tais mensagens são chamadas de *tweets* ou tuítes. Apesar dessa limitação, ele vem sendo adotado como uma nova forma de interação na rede por grandes grupos de comunicação, como os grandes jornais “The Guardian”, “The New York Times”, “Le Monde” e “El País”; e políticos tais como os candidatos a presidente dos EUA de 2016, Donald Trump e Hillary Clinton. Uma das justificativas a essa ampla aceitação do Twitter é que ele permite o envio de textos através do celular ou de programas de mensagens instantâneas (TWITTER, 2018).

Dada a facilidade na criação dos perfis, o Twitter se tornou berço de perfis falsos – chamados de *fakes* – que muitas vezes são responsáveis por espalhar notícias falsas compartilhadas por outros usuários. Uma solução encontrada pelos criadores foi colocar um selo de verificação nos perfis de pessoas e empresas públicas.

Essa rede social possui várias ferramentas para facilitar a interação e participação dos usuários além de responder/mencionar (em inglês é chamado *mention*) ou curtir um *tweet*. As principais são: (i) *retweets*, (ii) lista, (iii) *trend topics*, (iv) *moments* e (v) *direct messages*. O ato de “retuitar” é similar ao compartilhamento de mensagens, o *retweet* ou retuíte (RT) é uma função do Twitter que consiste em replicar uma determinada mensagem de um usuário para a sua lista de seguidores, oferecendo crédito a seu autor original. A lista é uma ferramenta que auxilia a leitura de determinados assuntos de forma dinâmica. Nela o usuário

⁶ Desenvolvido pelo americano Jack Dorsey, o Twitter surgiu em 2006 com o simples objetivo de que as pessoas respondessem à pergunta: “O que você está fazendo?” (*What’s happening?*). Com uma pergunta tão simples, as respostas foram limitadas a 140 caracteres. Tal limitação, segundo o criador, tinha função de minimizar os pensamentos e trazer espontaneidade para os usuários.

⁷ Desde sua criação, em 2006, o número de caracteres aumentou. De início com 140, a mais recente atualização, em dezembro de 2017, permite até 280 caracteres e possibilita o uso de imagens e vídeos sem interferir na quantidade de caracteres exposto.

pode dividir outros usuários em grupos através do assunto que deseja para facilitar a organização de tópicos (TWITTER, 2018).

Os *trend topics* (TTs) – no Brasil intitulado de Assuntos do Momento – é uma lista em tempo real de palavras ou frases mais comentadas no Twitter, geralmente acrescido da *hashtag* (#). O usuário pode escolher a abrangência total ou filtrar os Assuntos do Momento por países ou cidades. Os *moments* é uma novidade provinda da recente atualização, em que seleciona os principais assuntos comentados no Brasil e no mundo, de forma dinâmica e subdivido em tópicos, como esportes, política, entretenimento e economia. As *directs messages* (DMs) ou Mensagens Diretas é uma ferramenta de bate papo em que os usuários possuem privacidade dentro da rede social.

Figura 2 – Página inicial do Twitter



Fonte: Twitter.

O Facebook, em junho de 2017, alcançou a marca de 2 bilhões de usuários mensalmente⁸. Enquanto o Twitter, na mesma época, obteve 328 milhões de contas ativas por mês⁹. Esse largo número de usuários deve-se a mobilidade e rapidez gerada por essas redes sociais, graças a terceira geração da internet, como supracitado. Desse modo, os acontecimentos internacionais tendem a obter grandes impactos principalmente nessas redes.

A utilização de sites de rede social como espaço para o ativismo político já foi documentado por diversos autores, como Castells (2012). O autor, por exemplo, entende os

⁸ Dado fornecido pelo presidente do Facebook, Mark Zuckerberg. Disponível em: <<https://www.facebook.com/zuck/posts/10103831654565331>>.

⁹ Dado fornecido pela empresa Twitter com base nos meses de abril a junho de 2017.

protestos que coexistem nos ambientes on-line e off-line, são “movimentos sociais em rede” e justifica que dependem das mídias sociais para sua estruturação. Assim, constitui um “espaço público híbrido de liberdade”, onde manifestantes de ambos os “lados” (on-line e off-line) participam na revolução.

O Twitter, principal objeto dessa pesquisa, tornou protagonista em vários eventos que envolveram as relações internacionais e nacionais. Como o movimento “#VemPraRua”, surgido em 2014 com o objetivo de expor a situação econômica e política no qual o Brasil estava passando durante o governo de Dilma Rousseff, ganhou forças através das redes sociais, principalmente o Facebook e Twitter. Eventos internacionais, como copa do mundo e as olimpíadas são amplamente comentados pelos usuários ao redor do mundo.

De acordo com Marques (2016), durante as eleições, os candidatos e partidos buscam ampliar a exposição da sua imagem e, para tal fim, várias formas de comunicação são estabelecidas. Assim, os candidatos procuram estar presentes em todos os espaços que possibilitem ampliar sua visibilidade, tais como entrevistas, debates e a internet.

Em síntese, percebe-se que o Twitter permite uma renovação nas discussões políticas, contudo com um detalhe: o surgimento dessas novas mídias sociais exigem uma interação mais efetiva. Os usuários das redes sociais esperam que ocorram trocas de ideias e não somente a utilização como propaganda unilateral. Desse modo, pode-se afirmar que as redes sociais são uma ótima alternativa para se fazer e divulgar política, como veremos nos próximos capítulos com a eleição dos EUA (RECUERO, 2009).

A partir disso, o próximo tópico abordará uma análise acerca do poder que as mídias sociais, em específico o Twitter, exercem. Através do conceito do *soft power* proposto por Joseph Nye para o engajamento e aproximação com o usuário. De modo que, considerará as diferenças entre *hard power* e *soft power*, este último, por sua vez, para além do Estado.

1.4 HARD POWER OU SOFT POWER?

Os estudos de Relações Internacionais possuem uma teoria acerca do poder que um ator internacional pode exercer sobre outro. A priori, cabe especificar o ator internacional nas Relações Internacionais. É o ente ou grupo social que atua e desempenha determinado papel na sociedade internacional.

As relações internacionais do início do século XXI apresentam-se bastante distintas das do início do século XX. No decorrer do século passado observou-se profundas modificações no cenário internacional. O modelo de Vestfália, baseado no sistema de Estados soberanos preocupados tão somente com questões de segurança internacional, enfraqueceu e

em seu lugar surgiu um emaranhado de relações muito mais complexas. Neste contexto, o Estado deixou de ser o único ator internacional e passou a dividir o palco das relações internacionais com outros atores (HERZ, 1997).

O século XX foi o palco do surgimento de novos elementos que foram responsáveis de determinar as relações internacionais. As organizações internacionais, organizações não-governamentais e empresas multinacionais são exemplos típicos de novos atores que surgiram no decorrer do século passado. Além destes, outros atores têm sido considerados fundamentais para as novas e complexas relações internacionais do século XXI, como, por exemplo, a mídia, os grupos terroristas, indivíduos, sindicatos e partidos políticos (GONÇALVES, 2005).

Desta forma, pode-se conceituar ator internacional como todo elemento ou grupo social que participa de maneira eficaz e significativa na condução de questões importantes e fundamentais para a sociedade internacional. Capaz de determinar significativamente a condução das relações internacionais. Ademais, o ator internacional deve ser capaz de cumprir funções importantes no contexto internacional, seja funções políticas, comerciais, econômicas, militares, culturais, entre outras. Assim, evidencia-se a participação das redes sociais como um ator global emergente.

Sobre o conceito de poder nas Relações Internacionais, utilizaremos o método proposto pelo cientista político estadunidense Joseph Nye. Para isso, o autor tomou como palco de sua análise a política externa dos EUA perante o Sistema Internacional. Assim posto, para explicar o poder dos EUA em toda sua dimensão, dividiu entre *hard power* e *soft power*. Em que o primeiro seria o poder bruto, através de uma ação militar, por exemplo. O segundo seria o poder brando, através da atração ideológica e cultural que o país exerce (NYE, 2002).

1.4.1 *Hard power*

O *hard power* pode ser entendido como algo direto e mais perceptível por conta de suas ações concretas, podendo ser dividido em duas vertentes que se diferenciam e se complementam. A primeira é toda a esfera que o campo militar abrange dentro da articulação bélica de um ator, como supracitado. O *hard power* em âmbito militar vai além do simples fato do conflito armado em si, um exemplo eram desfiles militares em grandes avenidas de países são formas de demonstrar esse poder. Estas práticas eram utilizadas com frequência em regimes Comunistas como o chinês e o soviético, principalmente durante a Guerra Fria, para intimidar inimigos. As guerras e intervenções se enquadram nesta parte do conceito, mas não atuam de forma exclusiva (NYE, 2002).

A coerção, indução e dissuasão podem ser vistas como *hard power*. Como também o *hard power* não se restringe apenas na vertente militar, Nye (2001) afirma que o âmbito econômico pode ser inserido como uma maneira de um Estado exercer seu poder. Um exemplo seria a penetração da União Europeia e China no Leste Europeu e Ásia durante a Segunda Guerra Mundial.

1.4.2 *Soft power*

O *soft power* é uma ferramenta de poder que não é exclusiva aos Estados. Qualquer tipo de ator, seja estatal ou não-estatal, pode exercer o *soft power* devido a sua característica indireta, transnacional e não imediata. A questão que caracteriza o *soft power* é sua esfera que engloba aspectos ideológicos, sociais e culturais. Nye (2004) ressalta que o *soft power* deve ser essencialmente um meio sedutor, ele deve atrair o ator a querer imitar quem exerce tal poder, não o obrigar ou coagi-lo a fazer o que se deseja. Meios que o obriguem seriam encaixados em características de *hard power*.

Em síntese, o *soft power* estaria relacionado à capacidade de um país ou ator influenciar outros países e atores, internacionais e nacionais, sem a coerção pelas armas ou pela sanção econômica, para que eles tomem decisões que lhe favoreçam (NYE, 2009). Desse modo, a partir de tais pressupostos, cabe as indagações: a rede social Twitter pode ser utilizada estrategicamente como um meio de *soft power*? Nesse caso, o Twitter pode ser considerado uma ferramenta importante na influência direta no resultado da campanha eleitoral de Donald Trump entre os anos de 2015 e 2016 nos EUA? Por fim, pode especular que o Twitter foi o catalisador na eficácia da vitória de Donald Trump nos EUA?

Um dos caminhos para responder tais perguntas se encontra no próximo tópico. De acordo com David Bollier (2003), há um novo tipo de diplomacia emergente, uma nova ordem mundial, chamada “Netpolitik” para evidenciar a importância das redes enquanto princípio organizativo da condução das relações internacionais. Vale salientar que essa nova diplomacia está diretamente ligada com o *soft power*.

1.5 DIPLOMACIA DIGITAL – NETPOLITIK

O conceito de diplomacia, de um modo geral, define-se como a arte de gerir as relações internacionais através da negociação, em que os interesses dos atores são evidentes. Assim, Smith (2001) e Weiser (1997) definem diplomacia como a arte de defender os interesses nacionais através da troca de informação sustentada entre governos, nações e outros grupos. Com seu principal objetivo mudar atitudes e comportamentos como um meio de

atingir acordos e resolver problemas. De maneira resumida, é a prática da persuasão, em que o exercício de influência sobre a ação de outros grupos é um elemento fundamental.

Como supracitado nos tópicos anteriores do capítulo, o século XXI tornou-se evidente pela alta tecnologia, estruturas em rede e comunicações rápidas. Assim como o Sistema Internacional e estudos acadêmicos das Relações Internacionais passaram por reformas para se alinhar com as mudanças do século, a diplomacia também seguiu o mesmo caminho. Para Bollier (2003), a diplomacia precisava captar a atenção e lealdade das pessoas e, dessa maneira, só poderia ser implementado através de uma série de redes e de uma variedade de meios de comunicação social.

Assim, o autor surge com o conceito de *netpolitik* para explicar a importância da rede como princípio organizacional na condução dos assuntos internacionais. A diplomacia virtual acentua o uso do *soft power* ao relevar a importância da legitimidade moral, valores sociais, percepção pública e identidade cultural, considerando as novas infraestruturas de comunicação globais como a Internet, a televisão, os filmes e a música como um novo mecanismo para o diálogo internacional e o conflito. Desse modo, significa que a Internet e a análise das redes sociais fazem parte do trabalho diplomático diário (BOLLIER, 2003).

O uso do Twitter como uma forma de diplomacia digital se encontra cada dia mais em evidência. Donald Trump não foi o primeiro a utilizar desse recurso e nem será o último, visto que tal maneira de manusear essa rede social vem ganhando adeptos diariamente. Um dos principais exemplos da inserção de novos meios de comunicação na busca por ampliação da visibilidade diante do eleitorado pode ser representado pela disputa presidencial nos Estados Unidos em 2008, através do “fenômeno Obama”. Nestas eleições, o candidato Barack Obama fez uso de todos os tipos de ferramentas tecnológicas para atingir os eleitores, desde mensagens SMS até a publicidade em jogos eletrônicos, passando pelo expressivo uso de redes sociais (GOMES et al., 2009).

Destarte, torna-se evidente a influência das redes sociais na sociedade desde seu surgimento. O Twitter, por sua vez, se mostrou uma importante ferramenta de cunho político devido a rapidez que as informações são compartilhadas. Como na Revolução do Egito, iniciada em 2010, contudo, seu ápice consagrou em 2011. As redes sociais obtiveram papéis fundamentais entre os manifestantes. Durante a revolução, o Twitter foi usado por grupos de luta pacíficos. Porém, o mais importante, destacava-se no compartilhamento de informações básicas sobre a brutalidade policial, coisas a serem observadas ou ativistas sendo presos. O Twitter era tão importante quanto o Facebook, na medida em que dava aos manifestantes vislumbre de quão rápido e distante suas mensagens estavam viajando (HASSAN, 2015).

De acordo com Rossetto, Carreiro e Almada (2013), existe um interesse cada vez maior dos estudiosos acerca dos impactos da internet nos processos de representação política, na publicação das ações políticas e dos próprios políticos através dela e nos sistemas políticos contemporâneos de uma maneira geral. Os estudiosos Ausserhofer e Maireder (2013), analisam a utilização do Twitter na política da Áustria, e concluem que os políticos de esquerda são maioria na ferramenta. Contudo, um estudo realizado em 2012 por Sala e Jones (2012) a respeito da política nos Estados Unidos, identificaram que políticos com posicionamentos moderados usam mais o Twitter que aqueles conservadores. Anos mais tarde, veremos algumas mudanças a respeito do uso dessa ferramenta, principalmente no processo eleitoral dos Estados Unidos com o conservador republicano Donald Trump.

2. PROCESSO ELEITORAL PRESIDENCIAL NOS ESTADOS UNIDOS

Ao adentrar na corrida eleitoral dos EUA entre Donald Trump e Hillary Clinton, faz-se necessário realizar uma breve introdução acerca do processo eleitoral do país. Assim, desde a ratificação da Constituição de 1787, os EUA se configuram como uma democracia representativa. Por isso, há eleições regulares. Realizada em anos pares, são escolhidos o presidente e o vice-presidente a cada quatro anos. Por sua vez, a cada dois anos são eleitos 435 membros da Câmara dos Deputados, assim como, aproximadamente um terço dos cem membros do senado o mandato dos senadores é de seis anos (TOTA, 2008, p. 70).

A democracia estadunidense adota o modelo federativo, em que o governo federal detém o poder central, mas é limitado, de certa forma, pois os governos estaduais detêm certa autonomia e independência. Para as escolhas desses representantes, dois tipos de eleições são postuladas no processo: (i) eleição primária e (ii) eleição geral. As eleições primárias antecedem o processo eleitoral para a escolha do presidente e servem para indicar o candidato de cada um dos dois partidos americanos¹⁰, isto é, o Democrata e o Republicano (FORTIER, 2008).

Realizado todo esse processo, se definem os candidatos para as eleições gerais em que a população escolhe o representante para presidente e vice. A escolha do candidato é feita através de lista escrita na cédula e o voto é voluntário. Outra característica interessante é a existência do Colégio Eleitoral, formado por delegados que são responsáveis diretamente para as eleições presidenciais (HALL, 2012).

O panorama de 2016 foi marcado por muitas surpresas, as três principais foram: (i) o fim da Era Obama – o Partido Democrata deveria indicar um novo nome para a presidência dos EUA; (ii) pela primeira vez uma mulher foi indicada para concorrer à presidência por um dos dois grandes partidos e (iii) um grande empresário sem experiência política ou serviço militar prestado concorreu por um partido grande e venceu as eleições.

Desse modo, com apenas três tópicos principais, esse segundo capítulo irá tratar, primeiramente, do contexto histórico do processo eleitoral presidencial dos EUA de maneira mais detalhada que supracitado. Em como os Pais Fundadores criaram uma Constituição que perdura até hoje com poucas emendas realizadas nesses pouco mais de duzentos anos. Em segundo, será feita uma breve análise acerca da corrida eleitoral presidencial, com os resultados das primárias dos principais partidos.

¹⁰ Americanos, nesse trabalho, refere-se aos estadunidenses.

Nesse mesmo tópico, observa-se também o início de algumas propostas dos candidatos pelo partido democrata e republicano, contudo, será melhor abordado no terceiro e último tópico. De modo posterior, o último tópico irá discorrer a respeito das eleições que ocorreram no dia 8 de novembro de 2016 e também expor as principais propostas do candidato vencedor Donald Trump relativo à política externa americana.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O sistema de eleições dos EUA foi estabelecido pelos fundadores do país há mais de 220 anos. E como ressalta Fortier (2008), tal sistema não apenas resistiu à prova das passagens do tempo, como também moldou a política americana no decorrer da história. A Constituição, aprovada em 1787, consistiu na descentralização dos poderes, em que subdividiu em três – Executivo, Legislativo e Judiciário –, na autonomia dos Estados membros da federação e na criação do chamado Colégio Eleitoral.

Na época, o principal questionamento tratou-se acerca da representação dos estados grandes e pequenos no Legislativo. A solução encontrada foi a criação de duas casas legislativas: a Câmara dos Deputados e o Senado. Assim, a bancada dos Deputados era formada com base na população de cada estado – com no mínimo um deputado – e os representantes seriam eleitos diretamente pelo povo. Enquanto no Senado, todos os estados teriam representação igual – cada um com dois senadores (CARRIE, 1997). De início, os senadores eram escolhidos pelo Legislativo de cada estado, contudo, segundo emenda constitucional posterior, a bancada do Senado é eleita diretamente pelo povo (FORTIER, 2008).

Os responsáveis pela Constituição americana acreditavam na separação dos poderes, e, para os autores, caso o presidente eleito fosse escolhido pelo Congresso, estaria em dívida com ele, principalmente se tentasse uma reeleição. Do mesmo modo, estavam relutantes sobre os estados que escolhessem o presidente diretamente. A alternativa encontrada foi um sistema intitulado de Colégio Eleitoral, em que os eleitores seriam indicados por cada estado e nesses representantes do Colégio Eleitoral cabia a tarefa de eleger o presidente (KIMBERLING, 1992).

O poder executivo será investido no presidente dos Estados Unidos da América. Ele permanecerá no cargo pelo período de quatro anos e, junto com o vice-presidente, escolhido pelo mesmo período, será eleito da seguinte forma:

Cada estado indicará, da maneira como determinar seu Legislativo, um número de eleitores do Colégio Eleitoral igual ao número total de senadores e deputados ao qual o estado tem direito no Congresso: mas nenhum senador ou deputado e nenhuma pessoa ocupando cargo de confiança ou remunerado no governo dos

Estados Unidos deverá ser indicado como eleitor no Colégio Eleitoral (ARTIGO II, SESSÃO 1, DA CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS)¹¹.

De início, os Legislativos estaduais teriam oportunidade de interferir no modo de escolher os eleitores do Colégio. De acordo com Kimberling (1992), nas primeiras eleições presidenciais, alguns estados deixaram nas mãos do povo a escolha dos eleitores do Colégio Eleitoral, outros estabeleceram eleições populares nos distritos que resultou em uma divisão de votos e outros, o Legislativo que escolhia diretamente os eleitores, sem auxílio popular.

Banzhaf (1968) afirma que nos primeiros quarenta anos da República, a maioria dos estados adotou a alternativa de dar ao povo o direito de escolher seus eleitores. A partir disso, mudaram para o sistema em que o vencedor do voto popular em cada estado ganharia todos os votos do Colégio Eleitoral daquele estado. Denominado “winner-take-all¹²” é uma característica da política americana que persiste até os dias atuais.

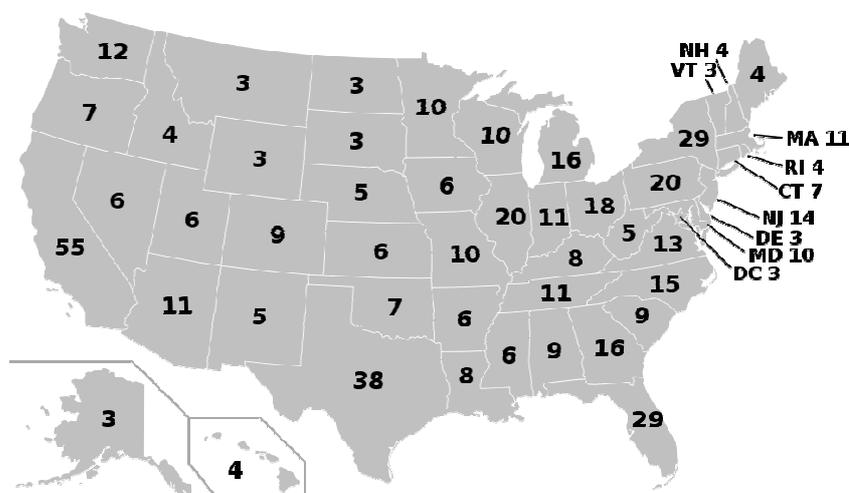
O Colégio Eleitoral passou por algumas mudanças, quando criado, foi planejado para incentivar a seleção de uma personalidade nacional. Para tal, os eleitores votavam duas vezes e quem obtivesse a maioria dos votos seria o presidente, já o segundo mais votado seria o vice-presidente. Desse modo, o Colégio original não previa a existência de partidos justamente para impulsionar a eleição de uma personalidade nacional para a presidência (FORTIER, 2008).

Contudo, como ressalta Hall (2012), a criação de partidos foi iminente à medida que o direito ao voto se ampliou. No decorrer do tempo, o Colégio Eleitoral fortaleceu o sistema bipartidário de democratas e republicanos. Os pequenos partidos dificilmente sobrevivem ao sistema do Colégio Eleitoral, como criticam Hacker e Pierson (2010), a política do “vencedor leva tudo” dos EUA impossibilita o avanço dos partidos menores e permeia a dicotomia entre democratas e republicanos.

¹¹ “The executive Power shall be vested in a President of the United States of America. He shall hold his Office during the Term of four Years, and, together with the Vice President, chosen for the same Term, be elected, as follows: Each State shall appoint, in such Manner as the Legislature thereof may direct, a Number of Electors, equal to the whole Number of Senators and Representatives to which the State may be entitled in the Congress: but no Senator or Representative, or Person holding an Office of Trust or Profit under the United States, shall be appointed an Elector (ARTICLE II, SECTION 1, OF THE U.S. CONSTITUTION).

¹² O vencedor leva tudo. (Tradução Livre)

Figura 3 – Número de delegados do Colégio Eleitoral por estado



Fonte: USA.gov

Vale salientar que dificilmente o candidato em que a maioria do povo votou não é o mesmo do candidato eleito pelo Colégio Eleitoral. O Colégio Eleitoral consiste em 538 eleitores (também chamados de delegados), então, é necessário conseguir maioria de 270 votos no Colégio para eger o presidente e vice-presidente (Figura 3). Como ressaltado, o número de delegados está ligado diretamente com a quantidade de pessoas de cada estado.

Desde a criação da Constituição, houve cinco eleições presidenciais em que o vencedor não recebeu a maioria dos votos populares (HALL, 2012). A primeira delas ocorreu em 1824, na eleição de John Quincy e a mais recente ocorreu justamente nas eleições de 2016, em que Hillary Clinton obteve quase três milhões dos votos populares a mais que Donald Trump, porém perdeu nos números dos delegados do Colégio Eleitoral¹³.

2.2 A CORRIDA ELEITORAL NOS EUA

Diferente de algumas democracias internacionais, como no Brasil, o processo eleitoral dos EUA subdivide-se em duas temporadas: o sistema de indicação e as eleições para presidente. O sistema de indicação é o período que ocorre as eleições primárias e caucuses que, por sua vez, inicia em janeiro e se estende a junho. Tal processo de indicação dos candidatos não está incluso na Constituição, ou seja, cabe aos estados e aos regulamentos dos próprios partidos políticos exercer essa primeira temporada do processo eleitoral (KIMBERLING, 1992).

¹³ 2016 Presidential Elections Results. Disponível em: <<https://www.politico.com/mapdata-2016/2016-election/results/map/president/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

Nesse período, republicanos e democratas realizam uma convenção nacional para indicar os candidatos a presidente e vice-presidente de seu partido (HALE *et al.*, 2015). De maneira geral, são eleições internas de cada partido para escolher seu representante na corrida presidencial.

Cada um dos 50 estados decide qual sistema de votação será usado. O mais comum é a eleição primária. Os votantes vão às urnas e escolhem seu candidato como em qualquer outro pleito. Alguns estados possuem primárias abertas, enquanto outros, primárias fechadas. Em uma primária aberta, qualquer eleitor, independentemente da filiação partidária, pode votar em candidatos democratas ou republicanos. Contudo, na primária fechada, apenas democratas podem votar em pré-candidatos democratas e apenas republicanos podem eleger republicanos (MARK, 2008).

O segundo sistema, o chamado caucus ou “convenção partidária”, consiste um evento em que os membros fiéis ao partido falam abertamente em nome do candidato que apoiam para indicação do partido, o voto é público. Um dos mais famosos é realizado no estado de Iowa. Nele, os membros do partido se reúnem e discutem as razões para apoiar diferentes candidatos antes da votação começar (HALL, 2012).

Ainda no começo das primárias, em uma terça-feira geralmente entre fevereiro ou março, ocorre a chamada “Superterça”. Esse evento torna-se importante pois é o dia que ocorre as eleições primárias em vários estados ao mesmo tempo, ou seja, o dia em que se elege o maior número de delegados. A “Superterça” consagra-se como uma projeção de quais vão ser os indicados a presidência pelos partidos democratas e republicanos (SCHWABE, 2008). Com a escolha dos representantes para cada partido, em junho, é dada a largada para a corrida presidencial entre democratas e republicanos.

2.2.1 A corrida maluca iniciada em 2015

Com o fim iminente da Era Obama – devido a vigésima segunda emenda, que limitou os mandatos a presidente para duas vezes¹⁴ – os partidos democratas teriam que eleger um novo nome para disputar a presidência e continuar no poder. Dois nomes protagonizavam a disputa: Bernie Sanders, que oficializou sua candidatura em 26 de maio de 2015 e Hillary Clinton, que oficializou sua candidatura no dia 13 de abril de 2015. A ascensão da candidatura de Bernie buscava apoio em grupos que ganharam voz e força para colocar em pauta suas prioridades, as quais giram em torno de discriminação, legalização, igualdade de gênero.

¹⁴ United States Senate. **Constitution of The United States**. Disponível em: <https://www.senate.gov/civics/constitution_item/constitution.htm>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

Ainda, entre as minorias, há também uma agenda comum relacionada a seguridade social, serviços públicos de saúde que deem um mínimo de garantia e conforto e a manutenção da tendência de crescimento relativo de renda obtida durante a Era Obama (CHADWICK and STOMER-GALLEY, 2016).

Além das minorias, a candidatura de Sanders também é produto do movimento “Occupy Wall Street¹⁵”, encabeçado majoritariamente por jovens das grandes cidades, que temem pelo desemprego, mas que, ao contrário dos homens brancos de meia idade, responsabilizam o *establishment* financeiro, os bancos, as grandes corporações e a especulação pelos desastrosos recentes da economia. E para esses jovens nascidos nos anos 1980 e 1990 e que não viveram o grande pensamento da Guerra Fria, o fato de o pré-candidato declarar-se “socialista” deixa de ser prejudicial e pode até ter um impacto positivo, desde que reduza as desigualdades e dê continuidade a uma política externa menos “missionária” como a de Bush e mais multilateral como a de Obama (PATTERSON, 2016).

Em contrapartida, Hillary Clinton se apresentou como a candidata dos grandes empresários e dos democratas mais velhos. Na sua corrida para indicação à presidência, Clinton aparece como a que representa mais continuidade do que mudança, mais moderação do que polarização (PATTERSON, 2016). Por ter disputado as primárias em 2008 contra Barack Obama, Clinton atraiu bastante popularidade entre os americanos e sua candidatura ganhou força assim que anunciada. Porém enfraqueceu durante a corrida eleitoral, enquanto Sanders subia nas pesquisas por se conectar com o público jovem (RAUCH, 2016).

Contudo, como mostra o mapa (Figura 3), a ascensão de Bernie Sanders não foi suficiente para derrotar Clinton nas primárias. Hillary Clinton, representada no mapa pela cor azul no mapa da figura abaixo, obteve maioria dos delegados, 2811, enquanto Sanders obteve apenas 1879, representado pela cor verde no mapa. Desse modo, Hillary venceu em 34 estados enquanto seu adversário conseguiu 23 estados¹⁶.

¹⁵ Movimento proveniente da crise econômica de 2008; consagra-se como um movimento de protesto contra principalmente a desigualdade econômica e social e a influência das grandes empresas no setor financeiro dos EUA. Disponível em: <<http://occupywallst.org/>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

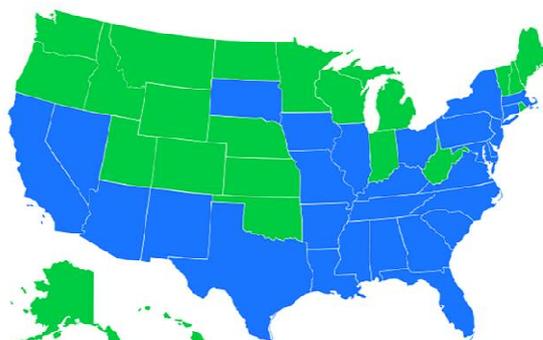
¹⁶ 2016 Delegate Count and Primary Results. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2016/us/elections/primary-calendar-and-results.html>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

Figura 4 – Resultado da disputa democrata

The Road to the Democratic Nomination

The current state of play in the Democratic primary, updated in near-real time. Click any state for details.

Clinton Sanders Not yet called Hasn't voted



Fonte: Mother Jones – The 2016 Presidential Primary Delegate Tracker¹⁷

A maior surpresa da corrida eleitoral dos EUA não apareceu no lado democrata, mas sim pelo lado republicano. Entre os dois principais concorrentes das eleições primárias, o senador Ted Cruz oficializou sua candidatura no dia 25 de março de 2015. O segundo concorrente ganhou notoriedade por ser um macro empresário e não ter experiência política ou realizado algum serviço militar anterior; também por ser considerado populista e antissistema, Donald Trump oficializou sua candidatura no dia 16 de junho de 2015 (JACOBSON, 2016).

A ascensão de Trump reflete a necessidade dos americanos buscarem uma alternativa para os problemas sociais e econômicos. Desse modo, Trump concentrou seu discurso para atingir o eleitorado trabalhador de classe média, em que prometeu aumentar o número de empregos e mobilizou uma fatia negligenciada do eleitorado, empurrando sua agenda para o topo das prioridades do país (FUKUYAMA, 2016).

Assim, ao priorizar sua agenda direcionada ao eleitor da classe média, apontou problemas reais: a crescente desigualdade, que atingiu em cheio a antiga classe média, e a captura do sistema político por grupos de interesse organizados para este fim (FUKUYAMA, 2016), além da questão da violência, do crime e das drogas – o que Trump chegou a denunciar como uma “carnificina em andamento” no país.

Em seu discurso de oficialização na corrida para as primárias, Trump aposta no conservadorismo, nacionalismo americano e recuperação do país; também fez críticas à administração Obama acerca da saúde pública e do crescente número de imigrantes presentes

¹⁷ Disponível em: <<https://www.motherjones.com/politics/2016/03/map-primary-results-road-white-house-democrats-republicans-states/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2018.

Percebe-se, a partir da imagem acima e comparando com a figura 4, que a disputa pelas primárias republicanas foi mais acirrada que as democratas. Mesmo com quatro candidatos na disputa, Trump e Cruz se destacam. O primeiro, por sua vez, conseguiu angariar delegados suficientes para avançar na disputa presidencial. Trump (parte roxa) obteve 1542 delegados, ganhou em 41 estados, enquanto Ted Cruz (parte vermelha), conseguiu apenas 9 estados e totalizou 560 delegados²¹. Desse modo, com o resultado das primárias, inicia-se então o processo eleitoral para a disputa a presidência dos EUA, com Hillary Clinton representando os democratas e, apesar das críticas, Donald Trump representando os republicanos.

2.3 ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2016

Com o fim das primárias, em junho de 2016, deu-se início a corrida eleitoral à presidência dos EUA. Hillary Clinton desbancou Bernie Sanders e venceu as primárias do partido democrata, enquanto Donald Trump surpreendeu e venceu pelo partido republicano. Assim, deu início a segunda parte da corrida eleitoral americana. As campanhas foram marcadas por meio das polêmicas envolvendo escândalos sexuais, e-mails pessoais e envolvimento da Rússia nas eleições.

A partir do discurso de ambos candidatos durante a campanha, Vernon e Spike (2016) analisam as propostas de Clinton e Trump para a presidência dos EUA. Das quais envolvem: economia, política externa, participação no tratado de Paris, situação dos imigrantes, nacionalismo e o Oriente Médio. Ressaltam que as propostas de Trump são mais radicais que as de Hillary, como construir um muro na fronteira com México para impedir que os mexicanos adentrem ao país ilegalmente.

Para o âmbito da economia, a principal proposta de Trump é a geração de empregos, ele quer adotar medidas protecionistas. Desse modo, pretende simplificar e reduzir os impostos para todos os americanos, cita também que as empresas devem pagar menos. Outro ponto importante para Trump é fazer com que as grandes indústrias não saiam dos EUA e migrem para o México ou China, com risco de sofrer severas sanções se houver a migração delas. Quer aumentar as barreiras comerciais e se mostra contra a participação dos EUA em blocos econômicos como o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA) e o

²¹ 2016 Delegate Count and Primary Results. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2016/us/elections/primary-calendar-and-results.html>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

Acordo Transpacífico (TPP)²², alegando tratar-se de parcerias que prejudicam a geração de emprego nos EUA (WHITE, 2016).

Com Hillary, suas propostas para economia foram para médio e longo prazo, dentre as principais, cabe destacar o aumento de impostos para a parcela mais rica da população e isentar os pequenos comerciantes. Hillary também sinalizou sem contra o Acordo Transpacífico, alegou que prejudicaria os empregos dos EUA. Sua proposta também envolve criação de um banco de desenvolvimento com capital público e privado. O objetivo é estimular a economia a partir de amplos investimentos em infraestrutura (PECEQUILO, 2016).

Para política externa, Nunns (2016) afirma que Trump e Hillary se colocam em lados opostos, o empresário se manifestou criticamente a respeito de algumas políticas realizadas pelo governo Obama. Como por exemplo a participação dos EUA na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN²³), o acordo nuclear com o Irã e defende aproximação com a Rússia. Enquanto Clinton pretende prosseguir com a política externa da Era Obama, por isso defende o papel dos EUA na OTAN, apoia a continuidade de sanções para a Rússia e, do mesmo modo, permanecer com o acordo nuclear com o Irã.

Trump critica a perda de influência dos EUA no mundo e diz que, sob o seu governo, o país voltaria a ser temido pelos rivais que não sofreria mais ameaças. Para isso, defende a ampliação dos gastos com Defesa e a modernização o arsenal nuclear, não descarta o uso de armas atômicas como reação a ataques terroristas. Também promete rever a posição dos EUA diante das alianças que o país mantém no Sistema Internacional. Para ele, os norte-americanos devem priorizar sua própria defesa e suspender os compromissos financeiros para manter a segurança de aliados. Em sua visão, países como Japão, Arábia Saudita e muitas nações europeias devem deixar de depender da ajuda militar e financeira que os EUA oferecem (NUNNS et al, 2016).

A tabela 2 demonstra, de maneira sucinta, quais as propostas específicas de Donald Trump e Hillary Clinton para o âmbito nacional e internacional. A partir da análise da tabela 2, fica clara a intenção de Clinton em promover uma continuidade nas políticas de Obama,

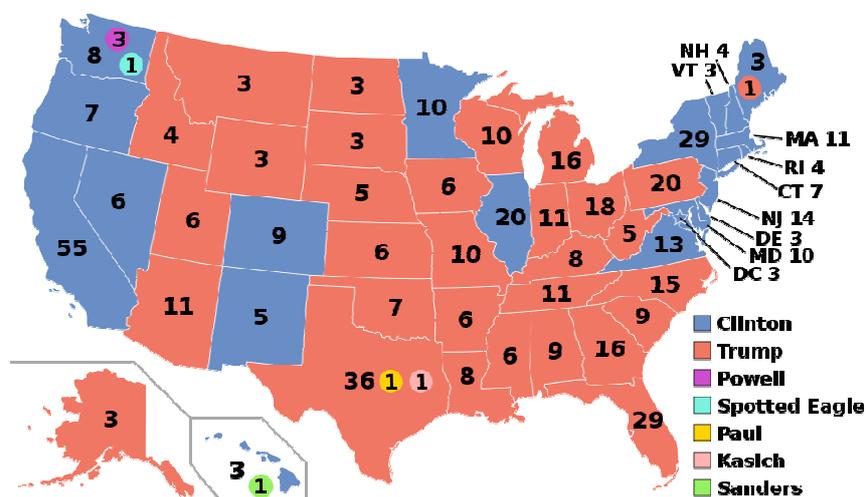
²² Acordo de livre-comércio envolvendo 12 países, em que o EUA já sinalizou a não participação. O TPP busca não somente a facilitação de acesso a mercados de bens, serviços e investimentos, mas também um conjunto de novas disciplinas que vão desde convergência regulatória até princípios trabalhistas e medidas de conservação ambiental. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/artigos/parceria-transpacifico-liberalizacao-competitiva/>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

²³ Sigla em português. Em inglês é chamado “North Atlantic Treaty Organization”. Assim, NATO é o acrônimo na língua inglesa.

enquanto Trump exalta uma política protecionista em busca da recuperação do prestígio americano no cenário internacional.

O neoconservadorismo do discurso de Trump refletiu nos resultados das eleições de 2016 ao garantir a vitória em cima de Clinton. O magnata foi o primeiro a alcançar os 270 delegados do colégio eleitoral, no final, totalizou 306 delegados enquanto Clinton conseguiu 232 (observe na figura 6). Contudo, pela quinta vez desde a ratificação da Constituição, um candidato que ganhou no voto popular não totalizou o número de delegados suficientes para a vitória. Trump conseguiu 62.985.106 votos, totalizando 45,9% do eleitorado, ao passo que Clinton angariou 65.853.625 votos, com o total de 48% dos eleitores²⁴.

Figura 6 – Resultado das eleições dos EUA: 2016



Fonte: POLITICO²⁵

Outro protagonista nessas eleições norte-americanas foram a mídia e as redes sociais, sobretudo para popularizar as políticas de Trump. Segundo Gregor (2016), a mídia transformou-se em um catalisador para a campanha do magnata. Ainda de acordo com o autor, na medida que a mídia o criticava, ele se tornava mais conhecido entre os americanos. Sua relação com os meios de comunicação durante toda campanha foi conturbada, para Mazzoleni (2016), a mídia focou nas polêmicas e não no despreparo e inexperiência política do candidato.

Em relação as redes sociais, Donald Trump escolheu fazer sua própria política nesse setor, para garantir a informalidade e proximidade com o eleitor. Clinton também utilizou tal

²⁴ Presidential Election Results: Donald J. Trump Wins. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/elections/2016/results/president/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

²⁵ Disponível em: <<https://www.politico.com/mapdata-2016/2016-election/results/map/president/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

ferramenta, contudo, a participação de Trump obteve mais impacto que sua concorrente (NOLAND, 2016). O uso do Twitter antes, durante e depois da campanha virou objeto de pesquisa desse estudo.

Tabela 2 – Quadro Comparativo das Propostas Presidenciais

	HILLARY	TRUMP
Economia	impostos para os mais ricos	reduzir tarifa para toda a população
Emprego	aumentar salário mínimo; maior participação feminina no mercado de trabalho	diminuir o desemprego; não pretende aumentar o salário mínimo, cabe aos estados
Comércio	contra o TPP; apoia diálogo com outros países para acordos comerciais	políticas protecionistas; contra o TPP e o NAFTA; implementar impostos as indústrias que migrarem dos EUA
Política Externa	defende o papel dos EUA na OTAN; continuidade do acordo nuclear com o Irã; estender sanções contra com Rússia; fim do embargo à Cuba	aproximidade com a Rússia; fim do acordo com o Irã; fim do embargo à Cuba, com algumas ressalvas; repensar no papel da OTAN; aumentar influência dos EUA no mundo
Imigração	reforma no sistema de imigração; auxílio da tecnologia para melhorar a segurança das fronteiras	construir o muro na fronteira com o México; expulsar os imigrantes ilegais do país
Síria e Estado Islâmico	cortar gastos militares; aumentar o número de refugiados	investimento no exército e forças armadas; contra o recebimento de refugiados
Controle de Armas	checagem universal de antecedentes criminais; proibição de armamentos de grande porte	menos restrições no porte de armas; maior rapidez no processo de aquisição
Saúde	a favor do Obamacare	banir o Obamacare
Energia	investimentos em energia limpa para gerar empregos e reduzir emissões de gases que provocam o efeito estufa	contesta aquecimento global; políticas para diminuir a emissão de gás carbono prejudica a geração de empregos

Fonte: US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign, 2016.

3. O TT

A abreviação “TT” é um dos muitos apelidos carinhosos estabelecidos pelos usuários, pois expõe uma ideia informal característica dessa rede social. Contudo, nesse título do capítulo, o termo TT vai servir para designar o relacionamento entre Trump e o Twitter durante o período eleitoral das eleições americanas.

Desse modo, o objetivo será analisar diretamente a conta de Trump no Twitter (@realDonaldTrump) e seus *tweets*. Para ajudar na composição desse capítulo, o site “Trump Twitter Archive” foi de suma importância devido a quantidade de banco de dados apenas com os *tweets* de Donald Trump, separado por datas e temas.

Para Bekafigo e McBride (2013) os candidatos políticos envolvem-se com o eleitorado via Twitter. Por sua vez, os cidadãos usam as redes sociais para se envolverem na discussão política, fazendo conhecer por exemplo a sua posição política e o seu voto. Tal como O’Connor et al. (2010) afirmam, existe uma correlação muito forte entre o Twitter e as eleições presidenciais. Assim, há vantagem em disseminar política no microblog, pois além da informalidade, o político irá usar as ferramentas para angariar votos.

Tal movimento – uso em massa das redes sociais – não teve Trump como seu pioneiro, como supracitado no capítulo um. O candidato Barack Obama, nas eleições de 2008, utilizou o grande arcabouço tecnológico para sua campanha em busca da reeleição. Obama compreendeu que o forte do uso da internet e das tecnologias de comunicação *online* gira em torno de duas dezenas de ferramentas, e, assim, ao utilizar todas, conseguiu o máximo de visibilidade possível. Ou seja, utilizou do potencial das mídias sociais para mobilizar os eleitores. O movimento obteve êxito, visto que o candidato conseguiu vencer as eleições daquele ano (GOMES et al., 2009)

Ao entrar no Twitter, antes de digitar algo, há uma pergunta: “O que está acontecendo?”, o gerundismo empregado no verbo remete a ideia de episódios em tempo real. Dessa forma, demonstra um caráter imediatista na rapidez em que a informação é passada, replicada, discutida e disseminada. No período das eleições dos EUA, tal pergunta foi questionada e respondida inúmeras vezes pelo então pré-candidato Donald Trump e seus eleitores; “O que está acontecendo agora?”.

O terceiro e último capítulo divide-se em cinco seções que, por sua vez, são complementares. A primeira seção, intitulada “Política em 280 caracteres” vai tratar do uso do Twitter por Trump como uma continuação do seu discurso político. A segunda seção, trabalhará acerca dos temas considerados estratégicos durante sua campanha nessa rede

social. Tais como, economia, imigração, sua adversária Hillary Clinton, terrorismo, política externa e construção da imagem americana no âmbito internacional.

A terceira abordará os posicionamentos polêmicos de Trump a respeito das *fake news*, o envolvimento da Rússia nas eleições dos EUA, o Obamacare, a relação da China e o Aquecimento Global e o Make America Great Again. Na seção seguinte irá tratar especificamente da influência dos seus *tweets* no cenário internacional, principalmente ao tratar da China e Coreia do Norte. Vale salientar que a partir da quinta seção, os *tweets* observados do @realDonaldTrump serão do período eleitoral e do primeiro ano do seu mandato. Então, na quinta seção, é realizada uma análise sobre a influência dos seus *tweets* na agenda de política externa americana.

3.1 POLÍTICA EM 280 CARACTERES

Durante o período que antecede as eleições, um pré-candidato popularizou por usar de forma demasiada as redes sociais, Donald Trump. O magnata utilizava as redes, principalmente o Twitter, como uma continuação de seu discurso político, contudo, de maneira informal para aproximar seus ideais com os americanos e futuros eleitores. Como Santanella e Lemos (2010) ressaltam, o Twitter, juntamente com o Facebook, consagraram uma das novas formas de interação e manifestação política.

Nesse sentido, a ferramenta foi acionada para tornar-se mais uma alternativa para a campanha americana do empresário. Em 2018, Trump conta com mais de 55 milhões de seguidores²⁶, o saldo de engajamento do magnata foi positivo devido o compartilhamento em massa dos seus *tweets*. Assim, contando do dia que oficializou sua candidatura (15 de junho de 2015) até os resultados das eleições (8 de novembro de 2016), Trump *tweetou* quase oito mil vezes enquanto possuía cerca de 30 milhões de seguidores. E, ao pegar como base o dia 8 de novembro até 31 de dezembro de 2017 – data do primeiro ano de mandato –, o então presidente *tweetou* mais de dois mil e oitocentas vezes²⁷. Portanto, conclui-se que Trump utilizou o Twitter como um canal para obter contato direto com seu eleitorado (PERSILY, 2017).

Como ressaltado no capítulo anterior, em seus discursos durante sua candidatura eleitoral, Trump aposta no conservadorismo, nacionalismo americano e recuperação do país. Tais posições refletem nas suas redes sociais, em especial o Twitter, com a vantagem da linguagem informal e mais incisiva com os usuários. Gunn (2017) alega que seu status de

²⁶ Fonte: <https://twitter.com/realDonaldTrump>.

²⁷ Fonte: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive>.

celebridade, portanto, alimentou sua campanha e permitiu uma estratégia baseada no uso controverso e inesperado das mídias sociais e, em particular, o Twitter. Sua imagem como candidato foi em grande parte formada por seus *tweets* amplamente divulgados, que eram frequentemente citados e debatidos no *mainstream* dos meios de comunicação.

Para Persily (2017), a história do domínio das mídias sociais de Trump é aquela que reflete um candidato com qualidades exclusivamente personalizadas para a era digital. Em Trump, suas qualidades incluem a fama, seguidores e habilidade em navegar no novo cenário da mídia. O autor evidencia que ele também descobriu que o poder da linguagem incendiária poderia comandar a atenção da mídia ou mudar a narrativa.

De acordo com Castelo (2014), o Twitter não se trata apenas de uma plataforma que estimula a prática social, mas é também um espaço público onde os utilizadores da rede são estimulados a publicar mensagens direcionada para atores políticos, por vezes, de forma agressiva ou implicitamente acusatória. O presidente eleito popularizou nas redes sociais através das suas declarações rígidas com pitadas de ironia sobre determinados assuntos, como no *tweet* a seguir, em que apelida sua adversária política pelo nome “Crooked²⁸ Hillary” e, por sua vez, ainda critica a posição de alguns políticos do seu próprio partido que se posicionaram contra sua candidatura.

TRUMP, Donald @realDonaldTrump. **“I will win the election against Crooked Hillary despite the people in the Republican Party that are currently and selfishly opposed to me!”**²⁹ 09/05/2016, 2:32 am³⁰.

Para Gabler (2016), Donald Trump é um candidato marcado pela impulsividade, enquanto os outros são calculistas. Sobre as declarações do magnata, Merrill (2015) afirma que a linguagem utilizada é mais obscura, violenta e propensa a insultos. Desse modo, entre a retórica pública e a lógica do Twitter, Gabler (2016) sugere que o discurso de Trump reflete suas declarações na rede social e sua popularidade é devido, pelo menos em parte, ao fato dele ter habilidade em dominar as tecnologias.

Outro ponto importante é a maneira que ele digita seus *tweets*, de maneira geral, recheado de muitas exclamações e palavras com letras maiúsculas. Para Heffernan (2016),

²⁸ Crooked, em inglês, significa “torta”. Contudo, também pode ser traduzido pejorativamente como uma pessoa desonesta ou errada.

²⁹ “Eu vencerei a eleição contra Hillary Desonesta, apesar das pessoas do Partido Republicano que atualmente se opõem egoisticamente a mim” (Tradução Livre).

³⁰ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/729604845716516864>>. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

essas práticas estilísticas reforçam o sentimento negativo de seus *tweets* e aumentar seu impacto emocional, que é, por sua vez, refletido na intensa emoção de seus seguidores, um fenômeno que os estudiosos chamam de “contágio emocional”.

Além de buscar a autopromoção e a atenção dos cidadãos, no Twitter, os políticos comumente procuram formas de ter suas mensagens transmitidas sem filtros que possam potencialmente alterá-las (ROSSETTO *et al*, 2013). Sabe-se, portanto, um dos motivos do empresário utilizar a ferramenta. Gunn (2017), por sua vez, destaca o uso da rede social por Donald Trump para disseminar suas ideias e propostas durante a corrida eleitoral em 2016. Em que mescla assuntos como segurança, geração de empregos, imigração, Oriente Médio enquanto ataca a mídia, o governo de Obama, sua adversária Hillary Clinton e membros republicanos, como Ted Cruz.

3.2 TEMAS ESTRATÉGICOS

Durante as eleições primárias e a corrida eleitoral, Trump utilizou arduamente o microblog em sua estratégia de campanha, como supracitado. Para isso, construiu seus *tweets* em cima de “temas-chaves” para atrair o maior número de engajamentos e conseguir eleitores dos EUA. Os temas permeiam, no âmbito interno, a criação de empregos, fim do obamacare e aumento da economia. Enquanto no âmbito externo caracteriza a necessidade de tornar os Estados Unidos uma grande potência militar, temida pelos outros países e a contenção do processo imigratório (OTT, 2017).

A principal agência de levantamento de fatos para o governo dos EUA no amplo campo da economia e estatística do trabalho, a U.S Bureau of Labor Statistics (BLS), também serve como uma agência principal do Sistema Estatístico Federal dos EUA. E segundo o relatório anual emitido em 2016³¹, a taxa de desemprego nos Estados Unidos chegou em 5,5% em março de 2015 e um ano depois, a taxa de desemprego chegou aos 5% em março de 2016.

Kang e Williamson (2016) afirmam que, segundo o relatório da BLS, o desemprego continuou a diminuir e o emprego aumentou em 2015; o desemprego a longo prazo e o emprego durante meio período diminuíram ao longo do ano, mas mantiveram-se elevados segundo os padrões históricos. Com a baixa queda anual da taxa de desemprego, a criação de empregos tornou recorrente entre as propostas de Trump e nos seus *tweets*, consagrou como

³¹ Bureau of Labor Statistics, U.S. Department of Labor, The Economics Daily, Unemployment rate 5.0 percent in March 2016, U-6 at 9.8 percent on the Internet. Disponível em: <<https://www.bls.gov/opub/ted/2016/unemployment-rate-5-0-percent-in-march-2016-u-6-at-9-8-percent.htm>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

uma das propostas primordiais e, por sua vez, um dos principais temas de campanha (figura 7).

Figura 7 – Criação de empregos



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/690896236765806592>

Para aumentar a taxa de emprego, uma das propostas de Trump, como afirma no primeiro tuíte abaixo, é manter as empresas dentro dos EUA. O então candidato ressalta que ao locomover as indústrias para outros países, movem também empregos que seriam dos americanos. Outro motivo são os acordos comerciais dos EUA com o México, segundo Trump, os mexicanos roubam os empregos que seriam dos norte-americanos. O magnata entre o período das primárias e o dia das eleições americanas, cria aproximadamente 50 tuítes³² direcionados ao México, isso devido a divisa da fronteira que os EUA faz com o país.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“I will bring our jobs back to the U.S., and keep our companies from leaving. Nobody else can do it. Our economy will ‘sing’ again.”**³³ 15/03/2016, 13:16 pm³⁴.

³² Fonte: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive>.

³³ “Eu vou trazer nossos empregos de volta aos EUA e impedir nossas empresas saiam. Ninguém mais pode fazer isso. Nossa economia vai ‘cantar’ de novo”. Tradução da autora.

³⁴ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/709775232152817664>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“I love the Mexican people, but Mexico is not our friend. They're killing us at the border and they're killing us on jobs and trade. FIGHT!”**³⁵ 30/06/2015, 09:57 am³⁶.

Em relação ao Obamacare, Trump tuitou severas críticas sobre o sistema de saúde criado no governo Obama. A principal delas é que o sistema é um desastre. Uma de suas promessas polêmicas da sua candidatura foi revogar o Obamacare. Contudo, para Schrock *et al* (2017), o projeto de lei de Trump para substituir o Obamacare pune mais os pobres, pois permite que os estados reduzam a qualidade do plano de seguro oferecido. O Obamacare exigia que todos os planos deveriam cobrir certos benefícios essenciais para a saúde, a Trumpcare, deixa opção para que os estados decidam o que é classificado como benefício essencial.

Para o âmbito externo, vale salientar a vontade de Trump em tornar os Estados Unidos uma superpotência respeitada no cenário internacional. Para isso, ressalta em seus *tweets* a necessidade de investir no departamento militar do país. O magnata almeja um governo protecionista que beneficia somente os americanos e que também seja temido pelos outros países. O *slogan* da sua campanha exalta tal desejo:

Figura 8 – MAGA



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/794895332941381633>

A frase Make America Great Again ou a hashtag MAGA foram empregadas em mais de 400 tuítes de Trump³⁷, tal engajamento reflete no seu discurso a necessidade mudança das

³⁵ “Eu amo o povo mexicano, mas o México não é nosso amigo. Eles estão nos matando na fronteira e estão nos matando nos empregos e comércio. LUTA!”. Tradução da autora.

³⁶ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/615866741994954752>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

ações do governo dos EUA no âmbito internacional. Contudo, o *slogan* foi utilizado primeiramente na campanha presidencial de Ronald Reagan em 1980 com os dizeres “Let’s Make America Great Again³⁸”, quando os EUA passaram por uma grande recessão econômica. Ao utilizar da angústia econômica do país como um trampolim para sua campanha, Reagan usou o *slogan* para despertar um sentimento de patriotismo entre o eleitorado (AZEVEDO *et al.*, 2017).

Os neozelandeses Taylor, Burton-Wood e Garry (2017) atribuem parte do sucesso do MAGA à sua capacidade de gerar um surto de nostalgia coletiva na parcela mais velha da população norte-americana. Pois a frase “Make America Great Again” possui um caráter relativo, ou seja, não especifica qual tempo Trump e os eleitores consideram que a América foi grande. Desse modo, abre possibilidades para o americano escolher qual foi o ano mais próspero dos EUA com base em critérios completamente particulares.

No tocante a política externa estadunidense, Trump realizou uma série de promessas em seu Twitter sobre como os Estados Unidos iria se comportar no cenário internacional se eleito. A mais polêmica, dentre tantas, consagra na construção de um muro na fronteira com o México custeada pelo próprio governo mexicano para impedir que imigrantes entrem ilegalmente no país. A política externa, de acordo com as promessas tuítadas por Trump, realça o caráter protecionista e conservador exaltado em seus discursos eleitorais (EDWARDS, 2018, p. 177).

O próximo tópico será abordado a política externa de Donald Trump realizada no Twitter. Suas propostas para o Estados Unidos se tornar grande de novo no cenário internacional.

3.3 TUITANDO A POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

O Estados Unidos, com o passar dos acontecimentos históricos, foi moldando sua participação dentro do Sistema Internacional e adotando medidas no âmbito doméstico que reverbera para o plano externo. Tais acontecimentos históricos são exemplificados como a Guerra Fria, 11 de Setembro, Guerra do Iraque, a queda da bolsa de valores em 2009 e, o mais intenso na atual conjuntura, a imigração e terrorismo. Desse modo, o chefe de estado vigente adota medidas radicais para a política externa americana, visando maior benefício para o país (JERVIS, 2005).

³⁷ Fonte: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive>.

³⁸ “Vamos tornar a América grande de novo”. Tradução da autora.

Na administração de Obama, como explica Aguirre (2017), a política externa fora marcada por êxitos e triunfos, sendo eles: (i) acordo com o Irã sobre o seu programa nuclear, (ii) acordo em Paris sobre as mudanças climáticas, (iii) acordo com a Associação Trans-Pacífico (TPP), criando a maior zona livre de comércio do mundo, (iv) abertura a Cuba e (v) apoio incondicional e sem interferências no processo de paz da Colômbia, sinal importante de uma relação diferente com a América Latina.

Como observado na Tabela 2 deste trabalho, Donald Trump, em seus discursos, possui uma linhagem puxada ao conservadorismo. Muitas das assertivas e agressivas declarações de política externa feitas por Trump e sua comitiva durante a campanha eleitoral refletiram em sua rede social @realDonaldTrump no Twitter. Principalmente no tocante dos imigrantes, acordos comerciais, aquecimento global e terrorismo. Nesse tópico será demonstrado alguns dos principais *tweets* do magnata sobre esses assuntos.

3.3.1 Imigrantes

A imigração foi tema bastante polêmico durante sua candidatura para a presidência dos Estados Unidos, no documento emitido pela sua equipe postado em seu site pessoal, Trump explica detalhadamente seu plano para imigração. Cabe destacar nesse documento os três princípios fundamentais do plano imigratório de Trump:

- 1- Uma nação sem fronteiras não é uma nação. Deve haver uma parede do outro lado fronteiro sul.
- 2- Uma nação sem leis não é uma nação. Leis aprovadas de acordo com nosso sistema constitucional do governo devem ser aplicadas.
- 3- Uma nação que não serve aos seus próprios cidadãos não é uma nação. Qualquer plano de imigração deve melhorar empregos, salários e segurança para todos os americanos. (TRUMP, 2015)

Desse modo, em seu Twitter, o empresário reflete seus anseios sobre a imigração de maneira mais agressiva ao sugerir que vai construir um muro na fronteira com o México e o governo mexicano que irá arcar com os custos. Impressiona também o número de engajamentos nesse *tweet* em específico. Dois *tweets* foram redigidos especificamente sobre o muro mexicano, contudo, a figura abaixo mostra o tuíte com maior engajamento. Somando mais de 16 mil *mentions*, mais de 35 mil *retweets* e mais de 58 mil curtidas.

Figura 9 – México e o muro³⁹



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/771294347501461504>

De acordo com o site Trump Twitter Archive, no período da corrida eleitoral, Trump citou o muro do México 36 vezes⁴⁰. Para ele, os mexicanos roubam os empregos dos americanos. Vale salientar que as propostas de Trump sobre a imigração não está ligada apenas a região do México, mas também sobre os imigrantes do Oriente Médio. Refugiados da Síria, segundo ele, não deveriam ser bem-vindos nos EUA e Europa⁴¹. O empresário insinua que sírios são participantes de grupos terroristas, por isso reforça a necessidade de criar um muro:

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“Eight Syrians were just caught on the southern border trying to get into the U.S. ISIS maybe? I told you so. WE NEED A BIG & BEAUTIFUL WALL!⁴²”** 19/11/2015, 11:11 am⁴³.

Em outro *tweet* o então candidato a presidente defende que os Estados Unidos precisam suspender a imigração de regiões ligadas ao terrorismo até que um método comprovado de verificação esteja em vigor⁴⁴. Ainda, utilizando a rede social, Trump faz propostas de governo acerca da imigração:

³⁹ Tradução do *tweet*: “México irá pagar o muro”. Tradução da autora.

⁴⁰ Fonte: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive>.

⁴¹ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/713031504415338497>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

⁴² “Oito sírios foram capturados na fronteira do Sul tentando entrar nos EUA. [Integrantes do] ISIS, talvez? Eu avisei. NÓS PRECISAMOS DE UM GRANDE E BELO MURO!”. Tradução da autora.

⁴³ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/667329429912338432>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁴⁴ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/746895065591783424>>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“I will end illegal immigration and protect our borders! We need to MAKE AMERICA SAFE & GREAT AGAIN! #Trump2016⁴⁵”** 12/02/2016, 16:31 pm⁴⁶.

3.3.2 Terrorismo

Sobre o terrorismo, atrelado ao seu discurso, Trump ressalta a necessidade de reforçar o setor militar dos Estados Unidos para ser temido no SI:

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“I will make our Military so big, powerful & strong that no one will mess with us. #Trump2016⁴⁷”**. 24/01/2016, 07:08 am⁴⁸.

Na sua conta no microblog, o empresário salienta a necessidade de manter o terrorismo fora dos EUA. A principal promessa em relação ao terrorismo citada em sua conta na rede social foi agradecendo uma cidade no estado de Ohio, atingiu mais de 16 mil *retweets*, cerca de 4 mil *mentions* e quase 40 mil:

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“Thank you Geneva, Ohio. If I am elected President, I am going to keep RADICAL ISLAMIC TERRORISTS OUT of our country! #MakeAmericaSafeAgain⁴⁹”** 27/10/2016, 18:47 pm⁵⁰.

Em relação ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) também conhecido como Estado Islâmico (EI)⁵¹, Trump faz duras críticas no Twitter, inclusive expõe um plano para combater o ISIS:

⁴⁵ “Eu vou acabar com a imigração ilegal e proteger nossas fronteiras! Nós precisamos fazer a América segura e grande de novo! #Trump2016”. Tradução da autora.

⁴⁶ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/698303565232623616>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁴⁷ “Eu vou fazer nosso [setor] militar tão grande, poderoso e forte que ninguém vai mexer com a gente. #Trump2016”. Tradução da autora.

⁴⁸ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/691276412666261504>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

⁴⁹ “Obrigado Geneva, Ohio. Se eu for eleito presidente, eu mantereí os terroristas radicais islâmicos fora do nosso país! #TornarAAmericaSeguraDeNovo”. Tradução da autora.

⁵⁰ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/791818552600821761>>. Acesso em 16 de outubro de 2018.

⁵¹ Grupo terrorista de origem sunita que possui atuação no Oriente Médio. Ver: Crenshaw, M. Terrorism Research: The Record. **International Interactions**, Vol. 40. Nº .4, 2014. pp. 556-567.

Figura 10 – Plano para combater o ISIS



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/788929609458823168>

Na imagem acima (figura 10), Trump exalta que se eleito, vai derrotar o ISIS, pois eles estão em circulação há muito tempo. Em seguida, faz o questionamento sobre o que a liderança dos EUA está fazendo para combater o grupo terrorista. Embaixo, ele demonstra o plano de governo para combater o ISIS em cinco propostas: (i) trabalhar com os aliados do Oriente Médio para ajudá-los a liderar a luta, (ii) estabelecer operações militares conjuntas e de coalizão, (iii) derrotar a ideologia do terrorismo islâmico radical, instaurar (iv) novos procedimentos de triagem e aplicação das leis de imigração e (v) estabelecer uma comissão sobre o Islã radical.

3.3.3 Acordos Comerciais e OTAN

No tema sobre acordos comerciais, Trump é enfático acerca de priorizar o benefício dos EUA e a geração de empregos para os americanos. Como nos discursos, as propostas

refletiram na sua rede social. Cabe destacar que Donald Trump, segundo o site Trump Twitter Archive, citou as palavras “acordos comerciais” 24 vezes do período da oficialização de sua candidatura – dia 15 de junho de 2015 – até o resultado das eleições do país, 08 de novembro de 2016⁵².

Para ele,

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“The United States cannot continue to make such bad, one-sided trade deals. There are only so many jobs we can give up. No more!”**⁵³ 27/03/2016, 22:17 pm⁵⁴.

Suas críticas e promessas no microblog giraram em torno do NAFTA e TPP. De acordo com ele, os EUA possuem desvantagem acerca desses acordos comerciais, os americanos perdem empregos e o país não apresenta benefícios ao participar de tais acordos. Sobre o Tratado Transpacífico de Livre Comércio, o TPP, Trump enfatiza em 2015 que é incompetência da atual administração prosseguir com o tratado,

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“The incompetence of our current administration is beyond comprehension. TPP is a terrible deal.”**⁵⁵ 05/10/2015, 17:46 pm⁵⁶.

Ao tratar o NAFTA, Trump exerce maior crítica devido a participação do econômico da história dos Estados Unidos⁵⁷. Em outubro de 2016, próximo ao resultado das eleições, Trump faz a seguinte promessa em relação ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio:

⁵² Disponível em: <http://www.trumptwitterarchive.com/archive>.

⁵³ “Os Estados Unidos não podem continuar a fazer acordos comerciais tão ruins e unilaterais. Há tantos empregos que podemos desistir. Não mais!”. Tradução da autora.

⁵⁴ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/714260201927520256>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

⁵⁵ “A incompetência de nossa administração atual está além da compreensão. O TPP é um negócio terrível.” Tradução da autora.

⁵⁶ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/651136309029834752>>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.

⁵⁷ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/732576889538260992>>. Acesso em 17 de outubro de 2018.

Figura 11 – A promessa do NAFTA



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/788919099275390976>

Sobre a figura acima, com mais de 5.500 *retweets*, 500 *mentions* e aproximadamente 15 mil curtidas, o magnata é direto e conciso ao afirmar que vai renegociar o NAFTA. Em seguida expressa que se ele não conseguir o que almeja, vai encerrar o acordo. Depois afirma que vai fazer com que a economia volte a funcionar.

Outro ponto importante da candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos é em referência à Organização do Tratado do Atlântico Norte. Fundada pelo Tratado de Washington em 1949, a OTAN foi um instrumento que estabeleceu simultaneamente seu caráter de aliança militar e sua expressão institucional, na forma de uma organização internacional. Prevê garantias de paz entre os participantes, segurança coletiva e também a criação de um conselho, com um comitê de defesa que monitora as capacidades de seus integrantes de resistir a ataques armados e articula essa resistência. Seu quartel-general se estabeleceu em Paris, em 1951. No ano seguinte, com a entrada da Grécia e Turquia, a organização passou a ter maior abrangência, transpondo a ideia de Atlântico Norte (BERTAZZO, 2010, pp. 91-93).

Sobre a OTAN, Trump dedica alguns *tweets* à organização, 12 de acordo com o site que realiza um compilado de todos os *tweets* do empresário. Duas críticas se destacam, a primeira refere-se aos países aliados não pagarem as contas do tratado. Conforme Trump, os EUA pagam uma parcela desproporcional de custo da OTAN, então apela para uma renegociação. A segunda destaca a falta de proteção em relação ao terrorismo. Ambos *tweets* datam do mesmo dia e com poucos minutos de diferença da postagem de um para o outro.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“We pay a disproportionate share of the cost of N.A.T.O. Why? It is time to renegotiate, and the time is now!”**⁵⁸ 24/03/2016, 08:59 am⁵⁹.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“N.A.T.O. is obsolete and must be changed to additionally focus on terrorism as well as some of the things it is currently focused on!”**⁶⁰ 24/03/2016, 08:47 am⁶¹.

3.3.4 Meio ambiente e aquecimento global

Outro tema que cabe destaque sobre os tuítes de Donald Trump durante a corrida eleitoral dos Estados Unidos é sobre o meio ambiente. O candidato cita apenas uma vez o meio ambiente em sua conta na rede social. E essa única vez diz respeito ao projeto “gasoduto Keystone XL”, amplamente polêmico durante o governo Obama por causa dos impactos ao meio ambiente.

O Sistema Gasoduto Keystone é um sistema de oleoduto no Canadá e nos Estados Unidos, comissionado em 2010 e agora de propriedade exclusiva da TransCanada Corporation. O gasoduto tornou-se conhecido quando uma quarta fase planejada, a Keystone XL, atraiu a oposição de ambientalistas, tornando-se um símbolo da batalha sobre a mudança climática e os combustíveis fósseis. Em setembro de 2008, a TransCanada – uma empresa canadense – solicitou uma licença ao Departamento de Estado dos EUA para cruzar a fronteira internacional EUA-Canadá com o projeto de oleoduto Keystone XL. (ERICKSON and LAZARUS, 2014).

Como inicialmente proposto, o gasoduto transportaria petróleo bruto produzido da região de areias petrolíferas de Alberta, no Canadá, para as refinarias da Costa do Golfo dos EUA. Como o gasoduto ligaria os Estados Unidos a um país estrangeiro, é necessária uma licença presidencial emitida pelo Departamento de Estado. A emissão de uma licença presidencial exige a constatação de que o projeto é de “interesse nacional” (PARFOMAK *et al*, 2013). Goldenberg e Roberts (2015) afirmam que o projeto Keystone XL foi temporariamente adiado pelo então presidente Barack Obama no ano de 2015.

⁵⁸ “Nós pagamos uma parcela desproporcional do custo da O.T.A.N. Por quê? É hora de renegociar, e a hora é agora!”. Tradução da autora.

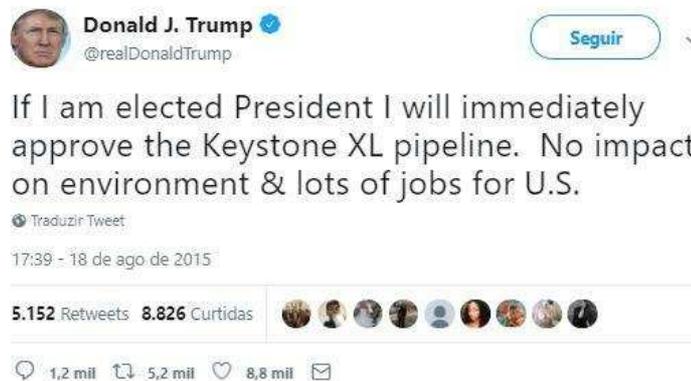
⁵⁹ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/712972000927551488>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁶⁰ “A OTAN é obsoleta e deve ser alterada para adicionar o foco no terrorismo, bem como em algumas das coisas em que está atualmente focado!”. Tradução da autora.

⁶¹ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/712969068396093440>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

Em seu Twitter, Trump afirma que se eleito, vai aprovar imediatamente o projeto Keystone XL, pois não ocasionará nenhum impacto ao meio ambiente e geraria empregos para os americanos. O tuíte, por sua vez, possui mais de 5 mil RTs, mais de mil respostas e quase 9 mil curtidas:

Figura 12 – O projeto Keystone XL



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/633739970985897984>

No tocante o aquecimento global, Trump realiza apenas um tuíte sobre o tema. Feito em outubro de 2015, período de início do inverno na região de Nova Iorque. Ainda assim, de maneira irônica e sarcástica:

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“It's really cold outside, they are calling it a major freeze, weeks ahead of normal. Man, we could use a big fat dose of global warming!”**⁶², 19/10/2015, 11:30 am⁶³.

Desse modo, no próximo tópico será realizada uma análise acerca do primeiro ano de mandato do presidente eleito Donald Trump. Por sua vez, a observação enfatizará a política externa do quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos com destaque aos temas expostos nesse tópico. Assim, mirará no encaminhamento das promessas que foram tuitadas em sua conta na rede social.

⁶² “Está muito frio lá fora, eles estão chamando de um grande congelamento, semanas antes do normal. Cara, nós poderíamos usar uma grande dose de gordura do aquecimento global!”. Tradução da autora.

⁶³ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/656100109386674176>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

3.5 O “TRANSBORDAMENTO” PARA A AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA REAL

Com a mudança da conjuntura política dos Estados Unidos, um democrata saiu do poder central da superpotência e um republicano ocupou seu lugar. No dia 20 de janeiro de 2017, o empresário Donald Trump se tornou oficialmente o quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos da América. Nesse último tópico do capítulo será analisado o primeiro ano da presidência de Trump, ou seja, até o dia 20 de janeiro de 2018. Dessarte, o enfoque dessa seção será exclusivo sobre as promessas de campanha realizadas no Twitter do presidente expostas no tópico anterior.

Em seu primeiro ano de mandato, o tema imigração tornou-se bastante recorrente. Uma das promessas de Donald Trump que ele postou em sua rede social sobre a imigração, foi construir um muro ao longo da fronteira com o México. Cinco dias após sua posse, o presidente assinou uma ordem executiva em que instrui departamentos e agências a "implantarem todos os meios legais" para garantir a fronteira sul, impedir mais imigração ilegal e enviar imigrantes ilegalmente para seus países (WHITE HOUSE, 2017a).

No dia 20 de fevereiro, o Departamento de Segurança Interna (DHS⁶⁴) emitiu um documento direcionando a uma agência dentro de seu departamento, a Alfândega e Proteção de Fronteiras dos Estados Unidos (CBP)⁶⁵, para seguir adiante na ordem executiva de Trump para construir um muro ao longo da fronteira sul (DHS, 2017a). Em maio, Trump solicitou ao Congresso a quantia 44,1 bilhões de dólares pelo Departamento de Segurança Interna para o ano fiscal de 2018. Nessa quantia está incluso 1,6 bilhão de dólares para garantir 74 milhas ao longo da fronteira entre os EUA e o México (DHS, 2017b). Em julho, a quantia foi aprovada pelo Comitê de Apropriações da Câmara⁶⁶. Colburn (2017) afirma que Trump, após aprovação da quantia pelo Congresso, não indicou que o México pagaria pelo muro como prometido durante sua campanha eleitoral e postado na sua conta do Twitter.

Em setembro, a Alfândega e Proteção de Fronteiras dos Estados Unidos emitiu um documento que informa a construção em andamento de oito protótipos de muro para fronteira (CBP, 2017). Contudo, ao final do primeiro ano de mandato, não houve princípios efetivos de construção do muro, Trump utilizou seu Twitter no dia 18 de janeiro de 2018 para reforçar que o muro iria ser construído e ressaltou que o México pagaria por ele:

⁶⁴ Sigla em inglês referente a Department of Homeland Security.

⁶⁵ Sigla em inglês. U.S. Customs and Border Protection.

⁶⁶ House Appropriations Committee.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. **“...The Wall will be paid for, directly or indirectly, or through longer term reimbursement, by Mexico, which has a ridiculous \$71 billion dollar trade surplus with the U.S. The \$20 billion dollar Wall is ‘peanuts’ compared to what Mexico makes from the U.S. NAFTA is a bad joke!**”⁶⁷ 18/01/2018, 09:25 am⁶⁸.

Em seguida reforça que os EUA precisam do muro para a segurança e proteção do país. Ademais, para ajudar a impedir a entrada massiva de drogas do México, em que ele classifica como o país mais perigoso do mundo. Ao final, impõe que se não houver parede, não há acordo⁶⁹.

No tocante aos imigrantes, no dia 25 de janeiro de 2017, o presidente Donald Trump assinou uma ordem executiva, ordenando que o DHS priorizasse a remoção ilegal dos imigrantes no país (WHITE HOUSE, 2017b). Em setembro de 2017, o governo Trump anunciou o fim do programa DACA⁷⁰, criado em 2012 durante a gestão de Obama. O objetivo consistia em regularizar temporariamente imigrantes em situação ilegal que chegaram aos EUA quando eram menores de idade (DHS, 2017c). Contudo, mesmo após tais medidas a respeito da imigração, em seu primeiro ano de mandato, Trump não conseguiu acabar com a imigração ilegal (DHS, 2018) como havia prometido em sua rede social.

Sobre terrorismo, Trump em seu Twitter ressaltou que expulsaria do país os terroristas radicais islâmicos, contudo, sua medida pós posse tratou de uma ordem executiva, datada em janeiro de 2017, em que proíbe a entrada de pessoas provindas de sete países⁷¹ ao território dos Estados Unidos, em sua maioria de origem muçulmana (WHITE HOUSE, 2017c). Contudo, o imbróglio jurídico e polêmico de tal medida tomada por Trump, até o dia 20 de janeiro de 2018, não foi resolvido.

⁶⁷ “O Muro será pago, direta ou indiretamente, ou através de reembolso de longo prazo, pelo México, que tem um ridículo superávit comercial de 71 bilhões de dólares com os EUA. O Muro de 20 bilhões de dólares é ‘amendoim’ comparado ao que o México faz com os EUA. NAFTA é uma piada de mau gosto!”. Tradução da autora.

⁶⁸ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/953951365532876800>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

⁶⁹ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/953979393180950528>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

⁷⁰ Ação Diferida para Chegadas na Infância. Sigla em inglês para Deferred Action fo Childhood Arrivals.

⁷¹ Iêmen, Irã, Iraque, Líbia, Síria, Somália e Sudão.

No tocante o grupo ISIS, no qual Trump direcionou uma série de *tweets* agressivos, o então presidente discursou no Congresso no dia 28 de fevereiro de 2017 e falou sobre o grupo terrorista:

Como prometido, eu ordenei ao Departamento de Defesa que desenvolvesse um plano para demolir e destruir o ISIS, uma rede de selvagens sem lei que massacraram muçulmanos, cristãos, homens, mulheres e crianças de todas as crenças. Nós trabalharemos com nossos aliados, incluindo nossos amigos e aliados no mundo muçulmano, para extinguir este inimigo vil do nosso planeta (WHITE HOUSE, 2017d).

Contudo, até o dia 20 de janeiro de 2018, fim do seu primeiro ano de mandato à presidência dos EUA, a promessa não foi concluída. Em relação aos acordos comerciais e OTAN, Trump foi enfático na sua conta da rede social ao dizer que iria renegociar o NAFTA, TPP e OTAN. Sobre o TPP, na primeira semana no seu cargo de Chefe de Estado, Trump assinou um memorando presidencial direcionando oficialmente os Estados Unidos a se retirarem da Parceria Transpácífica. Desse modo, alegou que a retirada do acordo seria um grande passo para o trabalhado americano (WHITE HOUSE, 2017e). Sobre o TPP, Donald Trump cumpriu o que prometeu no seu Twitter em sua primeira semana de mandato.

Trump prometeu em seu Twitter durante a corrida eleitoral que iria renegociar o NAFTA, pois alegou que os EUA sofriam desvantagem, como supracitado. Contudo, até o dia 29 de dezembro de 2018, o Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR)⁷², órgão responsável pelo desenvolvimento e recomendação da política comercial dos EUA, disponibilizaram um documento alegando que os EUA, México e Canadá estão participando de reuniões para renegociar e modernizar o acordo comercial e o processo irá até meados de dezembro de 2018 (USTR, 2017). Desse modo, a promessa caracteriza em andamento.

Em relação a OTAN, Trump também prometeu uma renegociação em sua conta no Twitter se eleito. Contudo, as negociações não engrenam, no Twitter, o presidente comentou:

⁷² Sigla em inglês para United States Trade Representative.

TRUMP, Donald. @realDonaldTrump. “We have a MASSIVE trade deficit with Germany, plus they pay FAR LESS than they should on NATO & military. Very bad for U.S. This will change⁷³” 30/05/2017, 07:40 am⁷⁴.

Mesmo com a clara ameaça de Trump em sua rede social sobre a OTAN, até o dia 20 de janeiro de 2018, a Casa Branca não emitiu nenhum memorando ou ordem executiva a respeito da ação dos EUA sobre a OTAN e os países membros. Por último, em relação ao meio ambiente, no seu primeiro ano de mandato, Trump cumpriu duas promessas: tirar os EUA do Acordo de Paris sobre o Meio Ambiente e a aprovação do projeto gasoduto Keystone XL, negado em 2015 pelo governo Obama.

Com respeito ao Acordo de Paris, Trump comunicou primeiramente em seu Twitter que estaria anunciando a sua decisão sobre o Acordo de Paris no dia seguinte, no jardim da Casa Branca:

Figura 12
sobre o Acordo



– Anúncio
de Paris

Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/87008379898111808>

No dia seguinte, o presidente Trump afirmou que os EUA sairiam do acordo climático de Paris durante um discurso na Casa Branca (WHITE HOUSE, 2017f). Em relação ao projeto do gasoduto Keystone XL, Trump lançou um documento no dia 24 de março de 2017 necessário para que o gasoduto atravessasse a fronteira entre os EUA e o Canadá. O gasoduto transportaria mais de 800.000 barris de petróleo do oeste do Canadá para Nebraska, depois se

⁷³ “Nós temos um déficit comercial MASSIVO com a Alemanha, e eles pagam muito menos do que deveriam na OTAN e nas forças armadas. Muito ruim para os EUA. Isso vai mudar”. Tradução da autora.

⁷⁴ Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/realdonaldtrump/status/869503804307275776>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

conectaria com um sistema de dutos existente. No documento assinado pelo presidente, autoriza que a empresa TransCanada a construir o projeto em território americano (STATE DEPARTMENT, 2017).

Destarte, o último tópico analisou as promessas realizadas por Trump no período eleitoral pelo Twitter se foram cumpridas no primeiro ano de mandato na presidência dos Estados Unidos. Em síntese, seu primeiro ano à frente dos EUA ocasionou em medidas radicais em relação ao governo anterior. Contudo, possuiu promessas que ainda não foram cumpridas ou estão em andamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi analisar o papel do Twitter de Donald Trump no processo eleitoral dos Estados Unidos que ocorreu em 2016. Desse modo, também realizar uma análise acerca da política externa americana durante seu primeiro ano à frente da presidência do país. Contudo, a observação foi realizada a partir de seus *tweets* elaborados durante sua candidatura à presidência.

Assim, para atingir os objetivos propostos e entender o Twitter e a relação dessa rede social com a política dentro desse contexto, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro e principal arcabouço teórico do texto, consistiu na inserção da teoria na problemática. Desse modo, trabalhou-se o avanço das redes sociais no século XXI, com os conceitos de Web 1.0 e Web 2.0. Em seguida, a pesquisa expôs que o advento da Internet foi o principal catalisador para a eclosão das redes sociais no Sistema Internacional, a emergência desse ator internacional nas Relações Internacionais possibilitou a abertura de um novo mundo complexo, conectado e tecnológico. O surgimento de novos dispositivos e, concomitantemente, a abrangência da inserção dos cidadãos trouxe um caráter participativo e político para as redes sociais no século XXI.

Além de analisar a importância das redes sociais e seus impactos no cenário internacional, à luz dos conceitos de *soft power* e *netpolitik* utilizados para apresentar o estudo das Relações Internacionais a partir de dimensões que não são – ou pouco são – estudadas nas abordagens tradicionais. A partir do conceito de *soft power*, pôde-se compreender outros aspectos da dimensão do poder, além daquele concentrado em capacidades puramente econômicas e militares. Enquanto a teoria da *netpolitik* surgiu para explicar a importância da rede como princípio organizacional na condução dos assuntos internacionais. Desse modo, observou-se que a diplomacia virtual acentua o uso do *soft power* ao relevar a importância da legitimidade moral, valores sociais, percepção pública e identidade cultural.

O uso do Twitter como uma forma de diplomacia digital se encontra cada dia mais em evidência. Foi visto que Donald Trump não foi o primeiro a utilizar desse recurso e nem será o último, pois tal maneira de manusear essa rede social vem ganhando adeptos diariamente. O segundo capítulo, por sua vez, apresentou o sistema eleitoral americano, realizando uma introdução sobre o contexto histórico do processo eleitoral que, por sua vez, foi estabelecido pelos fundadores do país há mais de 220 anos. A partir disso, o direcionamento do capítulo focou para as eleições estadunidenses que ocorreram em 2016. Foi mostrado a surpresa do resultado das primárias do Partido Republicano, em que o megaempresário Donald Trump, saiu vencedor.

Um dos seus truques foi o uso das redes sociais em seu favor. O destaque na corrida eleitoral de 2016 foram os candidatos Donald Trump, pelo partido Republicano e Hillary Clinton, pelo partido democrata. Assim, o capítulo demonstra que o panorama de 2016 foi marcado por muitas surpresas, as três principais foram: (i) o fim da Era Obama – o Partido Democrata deveria indicar um novo nome para a presidência dos EUA; (ii) pela primeira vez uma mulher foi indicada para concorrer à presidência por um dos dois grandes partidos e (iii) um grande empresário sem experiência política ou serviço militar prestado concorreu por um partido grande e venceu as eleições.

Em seguida, mostrou as propostas de Trump e Hillary, de modo que se posicionam em lados opostos em determinados assuntos. Para política externa, observou-se que Trump e Hillary se colocam em lados opostos, o empresário se manifestou criticamente a respeito de algumas políticas realizadas pelo governo Obama. Como por exemplo a participação dos EUA na OTAN, o acordo nuclear com o Irã e defende aproximação com a Rússia. Enquanto salientou que Clinton pretende prosseguir com a política externa da Era Obama, por isso defende o papel dos EUA na OTAN, apoia a continuidade de sanções para a Rússia e, do mesmo modo, permanecer com o acordo nuclear com o Irã.

Desse modo, tornou exposto que Trump critica a perda de influência dos EUA no mundo e diz que, sob o seu governo, o país voltaria a ser temido pelos rivais que não sofreria mais ameaças. Para isso, defende a ampliação dos gastos com Defesa e a modernização o arsenal nuclear, não descarta o uso de armas atômicas como reação a ataques terroristas. Para ele, os norte-americanos deveriam priorizar sua própria defesa e suspender os compromissos financeiros para manter a segurança de aliados.

Assim, ficou exposto que o neoconservadorismo do discurso de Trump refletiu nos resultados das eleições de 2016 ao garantir a vitória em cima de Clinton. Assim, foi mostrado no segundo capítulo que o magnata foi o primeiro a alcançar os 270 delegados do colégio eleitoral e, no final, totalizou 306 delegados enquanto Clinton conseguiu 232. Contudo, pela quinta vez desde a ratificação da Constituição, um candidato que ganhou no voto popular não totalizou o número de delegados suficientes para a vitória.

O terceiro, e último, capítulo irá tratar sobre o principal objetivo desta pesquisa, a utilização do Twitter por Trump e seus efeitos no cenário internacional. Nisso, foi visto que existe uma correlação muito forte entre o Twitter e as eleições presidenciais. Assim, há vantagem em disseminar política no microblog, pois além da informalidade, o político irá usar as ferramentas para angariar votos.

Em seguida, o capítulo especificou que durante as eleições primárias e a corrida eleitoral, Trump utilizou arduamente o microblog em sua estratégia de campanha. E para exercer isso, construiu seus *tweets* em cima de “temas-chaves” com o objetivo de atrair o maior número de engajamentos e conseguir eleitores dos EUA. Os temas apresentados permeiam, no âmbito interno, a criação de empregos, fim do obamacare e aumento da economia. Enquanto no âmbito externo caracterizou pela necessidade de tornar os Estados Unidos uma grande potência militar, temida pelos outros países e a contenção do processo imigratório.

Em outro momento, foi visto que Donald Trump é um candidato marcado pela impulsividade, enquanto os outros são calculistas. Analisou-se que a linguagem utilizada é mais obscura, violenta e propensa a insultos. Desse modo, entre a retórica pública e a lógica do Twitter, observou-se que o discurso de Trump refletiu suas declarações na rede social e sua popularidade foi devida, pelo menos em parte, ao fato dele ter habilidade em dominar as tecnologias.

De modo posterior, realizou-se uma análise sobre determinados temas específicos que Trump citou na sua conta da rede social e remeteu a tom de promessas. Assim, no último tópico, realizou uma análise acerca do primeiro ano de mandato do presidente eleito Donald Trump. Por sua vez, a observação enfatizou a política externa do quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos com destaque aos temas expostos nesse tópico. Assim, mirou no encaminhamento das promessas que foram tuitadas em sua conta na rede social.

Em suma, com base nos elementos descobertos e apontados que abrangeram a discussão proposta de cada capítulo, torna-se plausível fazer algumas inferências. Diante dos dados observados, a partir da compreensão entre os tuítes de Trump e a política externa americana, pode-se concluir que Donald Trump inaugura a *netpolitik* estadunidense. Desta forma, a hipótese da pesquisa foi confirmada, pois observou-se que o direcionamento da política externa no primeiro ano do seu mandato alinhou-se com seus *tweets* do período da corrida eleitoral, em 2016.

Em síntese, verificou-se que o Twitter foi estabelecido como um instrumento político para auxiliar o presidente dos Estados Unidos e impor sua projeção de poder. Posto isso, se torna imprescindível estudar essa temática nas Relações Internacionais, visto que é um tema atual e não deve ser ignorado posto que à medida em que a opinião pública ainda se constitua em um elemento determinante para as decisões internas e externas de um

Estado, os meios que a influenciam e controlam devem ser estudados, analisados e discutidos.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, S. Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação** (Cessou em 2002), v. 12, p. 01-12, 2007.

AGGIO, C. As campanhas políticas no Twitter: Uma análise do padrão de comunicação política dos três principais candidatos à presidência do Brasil em 2010. In: III Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2009, São Paulo. **Anais III Congresso Compólitica**, 2011.

AGUIRRE, Mariano. **A política externa dos Estados Unidos depois de Obama**. Portugal: OBSERVARE, 2017.

ALMEIDA, Fernando L. F.; LOURENÇO, Justino M. R.. Creation of value with Web 3.0 technologies, **Information Systems and Technologies (CISTI) 2011 6th Iberian Conference on**, 2011.

AUSSERHOFER, J., & MAIREDER, A. **Political Discourses on Twitter**: Networking Topics, Objects and People. New York: Peter Lang, 2013.

AZEVEDO, Flávio; JOST, John T. and ROTHMUNDO, Tobias. “Making America Great Again”: System Justification in the U.S. Presidential Election of 2016. **Translational Issues in Psychological Science**. Vol. 3, No. 3, 2017. pp. 231-240.

BANZHAF III, John F. **One Man, 3.312 Votes**: A Mathematical Analysis of the Electoral College, 13 VILL. L. REV. 304, 1968.

BARNES, J. A. **Social Networks**. Cambridge: Module 26, p. 1-29, 1972.

BEKAFIGO, M. & MCBRIDE, A. Who Tweets About Politics? Political Participation of Twitter Users during the 2011 Gubernatorial Elections. **Social Science Computer Review**, 31(5), 625-643, 2013.

BERNERS-LEE, T. H; J. LASSILA, O. The Semantic Web. . **Scientific American** , May 2001.

BERTAZZO, J. Atuação da Otan no Pós-Guerra Fria: Implicações para a Segurança Internacional e para a ONU. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, jan-jun. 2010.

BOLLIER, D. **The Rise of Netpolitik: How the Internet is Changing International Politics and Diplomacy**. Report of the Eleventh Annual Aspen Institute Roundtable on Information Technology, Washington D.C.: Aspen Institute, 2003. Disponível em: <<http://www.bollier.org/rise-netpolitik-how-internet-changing-international-politics-and-diplomacy-2003>>. Acesso em: 26 de agosto de 2018.

BOYD, D. M., Ellison, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), article 11. University of California-Berkeley: 2008. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>>. Acesso em: 19 de março de 2018.

CASTELLS, Manoel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Networks of Outrage and Hope**. New York: Polity Press, 2012.

_____. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1).

CASTELO, S. #PolíticosViolentos. Un análisis de la agresión en el discurso político en Twitter. **Revista SAAP**, 8(2), 2014. pp. 609-629.

CHADWICK, Andrew and STROMER-GALLEY, J.. Digital Media, Power and Democracy in Parties and Elections Campaigns: Party decline or Party renewal? **The International Journal of Press/Politics**. vol 2, No 3, 2016.

COLBURN, Allison. Trum ties wall funding to government shutdown. **Politico**. Aug. 2017.

CONSTITUTION OF THE UNITED STATES. **U.S Senate**. Disponível em: <https://www.senate.gov/civics/constitution_item/constitution.htm>. Acesso em: 28 de outubro de 2018.

CRAIG, Geoffrey. **Performing Politics: Media Interviews, Debates and Press Conferences**. New York: John Wiley & Sons, 2016.

CURRIE, David P. **The Constitution in Congress: The Federalist Period, 1789–1801**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Memo on border security executive order**, Feb. 20, 2017a. Disponível em:

<https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/17_0220_S1_Implementing-the-Presidents-Border-Security-Immigration-Enforcement-Improvement-Policies.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. FY 2018 Budget in Brief, May 2017b. Disponível em:

<<https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/DHS%20FY18%20BIB%20Final.pdf>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. Memorandum on Rescission Of Deferred Action For Childhood Arrivals (DACA), Sept 2017c. Disponível em: <<https://www.dhs.gov/news/2017/09/05/memorandum-rescission-daca>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. Fiscal Year 2017 Entry/Exit Overstay Report, Oct 2018. Disponível em:

<<https://www.dhs.gov/publication/fiscal-year-2017-entryexit-overstay-report>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

DRURY, G. Opinion piece: Social media: Should marketers engage and how can it be done effectively? **Journal of Direct, Data and Digital Marketing Practice**, 9. 2008. pp. 274-277.

EDWARDS, Jason A. Make America Great Again: Donald Trump and Redefining the U.S. Role in the World. **Journal Communication Quarterly**. Vol. 66, Issue 2, 2018. pp. 176-195.

ERICKSON, Peter and LAZARUS, Michael. Impact of Keystone XL pipeline on global oil markets and greenhouse gas emissions. **Nature Climate Change**. Aug. 2014.

FORTIER, John C. Broad Appeal, National Stature. **eJournal USA**. Sept 2008.

FUENTE, Eric de la; GAMONAL, Ana M. A “Superterça” e sua importância nas eleições primárias presidenciais dos Estados Unidos. **LLORENTE & CUENCA**. Mar 2016.

FUKUYAMA, Francis. 2016. Trump and American Political Decay. **Foreign Affairs**.

Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-11-09/trump-and-american-political-decay>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

GABLER, N. Donald Trump, the emperor of social media. **Moyers & Company**. 2016.

Disponível em: <<http://billmoyers.com/story/donald-trump-the-emperor-of-social-media/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

GREGOR, Milos. Rise of Donald Trump: media as voter-decision accelerator. In: **US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign**. England: Bournemouth University, 2016.

GOLDENBERG, Suzanne and ROBERTS, Dan. Obama rejects Keystone XL pipeline and hails US as leader on climate change. **The Guardian**. Nov. 2016.

GOMES, W.; et al. "Politics 2.0": a campanha online de Barack Obama em 2008. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 29-43, out. 2009.

GONÇAVES, R. **Economia Política Internacional. Fundamentos Teóricos e as Relações Internacionais do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GUNN, Enli. Twitter as arena for the authentic outsider: exploring the social media campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US presidential election. **European Journal of Communication**. Vol 32, Issue 1, 2017, pp. 50-61.

HACKER, Jacob S. and Pierson, Paul. Winner-Take-All Politics: Public Policy, Political Organization, and the Precipitous Rise of Top Incomes in the United States. **Politics & Society**. vol 38. No 2, 2010.

HASSAN, Samira F. **Social Media And The Arab Spring**. New Jersey: The State University of New Jersey, 2015.

HALE, Kathleen; MONTJOY, Robert and BROWN, Mitchell. **Administering Elections: How American Elections Work**. New York: Palgrave Macmillan US, 2015.

HALL, Thad E. **Primer on the U.S Election System**. Utah: University of Utah, 2012.

HEFFERNAN, V. How the Twitter candidate trumped the teleprompter president. **Politico**. May/June, 2016. Disponível em <<http://www.politico.com/magazine/story/2016/04/2016-heffernantwitter-media-donald-trump-barack-obama-teleprompter-president-213825>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

HELP CENTER – Twitter, 2018. Disponível em: <<https://help.twitter.com/en/twitter-guide>>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.

HERZ, Mônica. **Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria**. Dados, vol. 40, n. 2, Janeiro de 1997.

JACOBSON, G.. Polarization, Gridlock, and Presidential Campaign Politics in 2016. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, 667(1), pp.226-246, 2016.

JERVIS, R. **American Foreign Policy in a New Era**. New York: Routledge, 2005.

KANG, Janie-Lynn and WILLIAMSON, Lisa M.. Unemployment rate nears prerecession level by end of 2015, Monthly Labor Review, **U.S. Bureau of Labor Statistics**, April 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.21916/mlr.2016.19>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

KEOHANE, Robert and NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. United States, Longman, 2001.

KIMBERLING, William C.. **The Electoral College**. Washington, D.C.: National Clearinghouse on Election Administration, 1993. Disponível em: <<https://www.elections.delaware.gov/mockelection/pdfs/eleccoll.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

KREISS, Daniel and JASINSKI, Christopher. The Tech Industry Meets Presidential Politics: Explaining the Democratic Party's Technological Advantage in Electoral Campaigning. **Political Communication** (2016): 1-19.

MARK, David. Winning an Electoral College Majority. **eJournal USA**. Sept 2008.

MARQUES, F. P. J. A. **Ciberpolítica**. Salvador: EDUFBA, 2016.

MAYFIELD, A. **What is social media?**. E-book. London: iCrossing, 2008. Disponível em: <http://www.icrossing.com/uk/sites/default/files_uk/insight_pdf_files/What%20is%20Social%20Media_iCrossing_ebook.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2018.

MAZZOLENI, Gianpietro. Did the media create Trump? In: **US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign**. England: Bournemouth University, 2016.

MERRILL, J. B. How Donald Trump talks. **The New York Times**. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/interactive/2015/12/05/us/politics/donald-trump-talk.html?_r=1>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

MITCHEL, J.C. The Concept and Use of Social Networks. In: **Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969.

NOLAND, Marcus *et al.* **Assessing Trade Agendas in the US Presidential Campaign**. Washington: Peterson Institute for International Economics, 2016. (PIIE Briefing 16-6). Disponível em: <<https://piie.com/system/files/documents/piieb16-6.pdf>>. Acesso: 28 nov. 2018.

NUNNS, Jim *et al.* **An analysis of Donald Trump's tax plan**. 2016. Disponível em: <<https://www.taxpolicycenter.org/publications/analysis-donald-trumps-tax-plan/full>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

_____. **Cooperação e conflito nas relações internacionais: uma leitura essencial para entender as principais questões da política mundial**. Trad. Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Gente, 2009.

O'CONNOR, B.; BALASUBRAMANYAN, R.; ROUTLEDGE, B. & SMITH, N. From Tweets to Polls: Linking Text Sentiment to Public Opinion Time Series. In: **Livro de Atas da International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**. Washington, DC, 2010.

OFFICE OF THE U.S. TRADE REPRESENTATIVE. **Trilateral Statement on the Conclusion of the Fifth Round of NAFTA Negotiations**. Nov. 2017. Disponível em: <<https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2017/november/trilateral-statement-conclusion#>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

O'REILLY, Tim, What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **Communications & Strategies**, No. 1, p. 17, First Quarter 2007.

OTT, Brian. **The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement**. Lubbock, TX: Department of Communication Studies, College of Media & Communication, 2017.

PARFOMAK, P. *et al.* **Keystone XL pipeline project: Key issues.** Washington, DC: Congressional Research Service, 2013.

PARMELEE, John H.; BICHARD, Shannon L. **Politics and the Twitter Revolution: How Tweets Influence the Relationship between Political Leaders and the Public.** Maryland: Lexington Books, 2012.

PATTERSON, Thomas E. **Pre-Primary News Coverage of the 2016 Presidential Race: Trump's Rise, Sanders' Emergence, Clinton's Struggle:** Faculty Research Working Paper Series. Cambridge: Harvard Kennedy School, 2016.

PECEQUILO, Cristina. As Eleições Primárias nos EUA: Rumo a Novembro. **Mundorama**, 2016. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2016/03/04/as-eleicoes-primarias-por-cristina-soreanu-pecequilo/>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

PERSILY, N. Can Democracy Survive the Internet?. **Journal of Democracy**, 28(2),63-76, 2017. Disponível em: <<http://www.journalofdemocracy.org/article/candemocracy-survive-the-internet>>. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

POTTER, E. H. **Web 2.0 and the New Public Diplomacy: Impact and Opportunities, in Engagement. Public Diplomacy in a Globalised World**, edited by J. Welsh and D. Fearn. London, UK: Foreign and Commonwealth Office, 2008.

RAUCH, Jonathan. What's ailing American politics. In **The Atlantic**. Vol. 318, N.º 1, julho-agosto de 2016, pp. 51-63.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Judite; DIAS, Sérgio. Republicanos e Democratas: Quem tem Voz no Twitter? O caso das Eleições Presidenciais dos EUA em 2016. **Revista Comunicando**. Vol. 6. N.º 1, 2017.

ROSSETTO; CARREIRO e ALMADA. Twitter e comunicação política: limites e possibilidades. **Revista Compólitica**, n. 3, vol. 2, ed. jul-dez, ano 2013.

SALA, J. F. A.; JONES, M. P. The Use of Eletronic Technology and Legislative Representation in Mexican and U.S. States: Nuevo León and Texas. In: **Puentes Consortium Project**, abril de 2012.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHROCK, Douglas.; et al. The Emotional Politics of Make America Great Again: Trump's Working Class Appeals. **Journal of Working-Class Studies**. vol 2(1). June 2017.

SCHWABE, Rainer. **Super Tuesday: Campaign Finance and Dynamics of Sequential Elections**. New Jersey: Princeton University, 2009.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SMITH, G. S. **The Challenge of Virtual Diplomacy**. United States Institute of Peace, 2001.

STATE DEPARTMENT. **Issuance of Presidential Permit to TransCanada for Keystone XL Pipeline**. March 24, 2017. Disponível em: <<https://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2017/03/269074.htm>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

TAYLOR, Robbie J.; BURTON-WOOD, Cassandra G. and GARRY, Maryanne. America was Great When Nationally Relevant Events Occurred and When Americas Were Young. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**. Vol 6, Issue 4, dec. 2017. pp. 425-433.

TOTA, Antônio Pedro. **Origens do bipartidarismo: uma tentativa de entender as eleições norte-americanas**. **Novos Estudos**, 2008.

TRUMP, Donald. **Immigration Reform that will Make America Great Again**. 2015. Disponível em: <<https://assets.donaldjtrump.com/Immigration-Reform-Trump.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

U.S. CUSTOMS AND BORDER PROTECTION. **Construction Begins on Wall Prototypes**, Sept. 26, 2017. Disponível em: <<https://www.cbp.gov/newsroom/national-media-release/construction-begins-wall-prototypes>>. Acesso em 26 de outubro de 2018.

VALENTE, Leonardo. **Política externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VERNON, Pete and SPIKE, Carlett. Analysing debate questions: is it time to rethink the town hall? In: **US Election Analysis 2016: Media, Voters and the Campaign**. England: Bournemouth University, 2016.

WEISER, M. **Virtual Tools for Real Diplomacy**. Paper Presented at the 1997 Virtual Diplomacy Conference, 1997.

WHITE, Ben. Economists savage Trump's economic agenda. **Politico**. Nov 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2016/01/trump-economy-217496>>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

WHITEHOUSE, **Executive Order: Border Security and Immigration Enforcement Improvements**. Jan. 25, 2017a. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/executive-order-border-security-immigration-enforcement-improvements/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

_____. **Executive Order: Enhancing Public Safety in the Interior of the United States**, Jan. 25, 2017b. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/executive-order-enhancing-public-safety-interior-united-states/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. **Memorandum for the United States Trade Representative**. Jan 23, 2017e. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3GSXHR8ZL1HUWh3cFh6NGRFdlE/view>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. **President Donald J. Trump Statement Regarding Recent Executive Order Concerning Extreme Vetting**. Jan. 29, 2017c. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/president-donald-j-trump-statement-regarding-recent-executive-order-concerning-extreme-vetting/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

_____. **Remarks by President Trump in Joint Address to Congress**. Feb. 28, 2017d. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-joint-address-congress/>>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

_____. **Statement by President Trump on the Paris Climate Accord**. Jun. 1, 2017f. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/statement-president-trump-paris-climate-accord/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.